



UNIVERSIDADE pública

MAR_ABR/2010
ano 10. nº54

Múltipla escolha

As mudanças e possibilidades proporcionadas pela adesão da UFC ao Enem e ao SiSU para a seleção de novos estudantes de graduação



Esporte

Universidade se reestrutura para disseminar práticas esportivas e melhorar produção na área de Educação Física



Saúde

Projetos da UFC buscam aperfeiçoamento do SUS

Garantir
a formação
de leitores
é desenvolver
novos
personagens
para o futuro
da nossa
cidade.

A Prefeitura de Fortaleza incentiva o hábito da leitura entre seus alunos e a formação continuada do corpo docente. Exemplo disso é o SIMBE, Sistema Municipal de Bibliotecas Escolares e de Formação de Leitores, que permite o acesso a um sistema de informações no qual estudantes, professores e profissionais de apoio da escola buscam, com liberdade e autonomia, as informações de que necessitam. Mais uma aula de cidadania da Prefeitura de Fortaleza.



Prefeitura de
Fortaleza

VISA

WORLDWIDE PARTNER

Todo
seuUNIVERSIDADE
públicaRevista de valorização e promoção da
produção científica, tecnológica e cultural
da UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.Reitor
Prof. Jesualdo Pereira Farias
Vice-Reitor
Henry CamposReitoria
Av. da Universidade, 2853
60020-181 - Fortaleza - CE
Fone: (85) 3366.7311
Internet: www.ufc.br
E-mail: reitor@ufc.brCoord. de Comunicação Social
e Marketing Institucional
Paulo Mamede
Fone: (85) 3366.7319Assessor de Comunicação
Institucional
Italo Gurgel
Fone/Fax: (85) 3366.7330
E-mail: ufcinforma@ufc.brRevista Universidade Pública
Av. da Universidade, 2910
Benfica - Fortaleza - Ceará
CEP: 60020-181
Fone/Fax: (85) 3366.7319
revistaufc@gmail.com**Editora**
Ana Rita Fonteles
CE01169JP**Reportagens**
Gustavo Colares
CE 01861JP
Simone Faustino
CE 02133JP
Cristiane Pimentel
CE 01863JP
Hébely Rebouças
CE 2180JP**Fotos**
Júnior Panela
CE00100RF**Estagiários de Fotografia da UP**
Chico Célio
Davi Pinheiro
Direção de Arte
Diego Normandi
RevisãoMaria das Dores de Oliveira
Filgueiras
Tiragem
5.000 exemplares
Periodicidade
Bimestral
CTP e impressão
Expressão Gráfica**Use seu Ourocard Visa do
Torcedor do Brasil e junte-se
a nós para assistir a Copa do
Mundo FIFA 2010™.
Prêmios cortesia Visa.**Saiba mais no
bb.com.br/torcedordobrasilPROMOÇÃO OUROCARD VISA
ME LEVA**200 TORCEDORES
VIAJANDO PARA A
COPA DO MUNDO
FIFA 2010™**

Certificado de Autorização SEAE/MF nº 04/0376/2009. Mais informações, consulte o regulamento no bb.com.br/torcedordobrasil

**Torcer****É DO BRASIL**Central de Atendimento BB 4004 0001 ou 0800 729 0001 – SAC 0800 729 0722
Ouvidoria BB 0800 729 5678 – Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 729 0088 ou acesse bb.com.brUm novo caminho
para o acesso

Como havíamos discutido, há algumas edições, a adesão da UFC ao Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) como forma de acesso às suas vagas de graduação, concretizou-se. O que nossa reportagem, à época, não vislumbrou foi a possibilidade da seleção se inserir num sistema nacional de alocação de vagas para as universidades públicas. O Sistema de Seleção Unificado (SiSU), gerenciado pelo Ministério da Educação (MEC), concluiu sua primeira edição em março, conseguindo preencher, segundo dados do MEC, 85% das vagas disponíveis, tendo obtido a participação de 800 mil estudantes dos cerca de 2,5 milhões que prestaram o Enem em 2009.

O Sistema apresenta como novidades, além da escolha do Enem como forma de avaliação, a possibilidade dos estudantes optarem por diversos cursos, escolhendo concorrência de acordo com suas notas obtidas no Enem. A escolha do curso pode se dar, de maneira mais fácil, também entre universidades localizadas em outros Estados, sem a necessidade de deslocamento para a realização de vestibulares, muitas vezes cansativos e dispendiosos. O que o MEC espera é aumentar a mobilidade acadêmica. Até o final da terceira etapa, quando 33.039 estudantes já haviam se matriculado, 8.353 optaram por estudar fora de seu estado de origem, o que representa uma taxa de mobilidade de 25%. Anteriormente, esse percentual era de, aproximadamente, 1%.

Mas nossa reportagem de capa mostra que essas vantagens apontadas pelo MEC ainda convivem com problemas de funcionamento do SiSU. O que está sendo feito em conjunto pelo Ministério e gestores das instituições de ensino que aderiram ao Sistema para minorá-los, aperfeiçoando a seleção para as próximas edições é nosso assunto principal. Os candidatos também terão informações detalhadas sobre o passo a passo da seleção.

Outra reportagem traz olhar panorâmico sobre os principais programas e projetos desenvolvidos pelos cursos da área de saúde da UFC para a melhoria do Sistema Único de Saúde (SUS). Visitamos salas de aula, laboratórios e postos de saúde para conhecer um pouco mais das ações que visam melhorar a atenção básica e tornar os profissionais mais próximos da realidade e necessidades de nossa população.

As atividades da UFC na área do esporte em âmbitos interno e externo são alvo de matéria que enfoca a criação do Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES). O olhar de diversos setores da Universidade sobre a vida da cidade pode ser conferida em reportagem sobre a polêmica instalação do estaleiro na praia do Titanzinho, em Fortaleza. Especialistas de diversas áreas revelam posições sobre a questão. Na entrevista da edição, conhecemos um pouco as idéias do atual presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), Alan Barbiero, que esteve em Fortaleza e fez um balanço das ações do Reuni.

Esperamos que a leitura seja enriquecedora. O próximo número de UP é edição especial que comemora os 10 anos da publicação e trará reportagens mais que caprichadas para nossos leitores que nos acompanham e ajudam nessa trajetória. Até lá!

Ana Rita Fonteles
EDITORA UP

NOSSA CAPA

Montagem de
Diego Normandi
sobre mapa do IBGE



16 CAPA

MÚLTIPLA ESCOLHA

A UFC optou pelo Enem como forma de seleção de seus novos alunos de graduação. A primeira participação ocorre em 2010. Conheça as mudanças e as possibilidades da nova opção, além dos aperfeiçoamentos do Sistema propostos pelo MEC

7 ENTREVISTA ALAN BARBIERO

O presidente da Andifes, Alan Barbiero, faz um balanço do Reuni e discute os desafios das universidades federais brasileiras



12



EM MOVIMENTO

Estrutura de desporto universitário é recuperada na UFC e já modifica a vida de treinadores e atletas dentro e fora da Instituição

24



MAR REVOLTO

Especialistas de diversas áreas da UFC discutem o projeto de instalação de estaleiro na praia do Titanzinho, em Fortaleza

28



PROGRAMA DE VERÃO

Escola de Verão de Matemática atrai estudantes de todo o Brasil. Eles trocam as férias pela sala de aula e o descanso pela resolução de problemas

32



EM BUSCA DE UM NOVO CUIDAR

Projetos da UFC buscam melhorar atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS)

ENTREVISTA

Entrevista Hébelly Rebouças
Texto de abertura Ana Rita Fonteles

Expansão com autonomia

É possível afirmar que nunca na história da educação superior brasileira as universidades federais tiveram de responder a tantos desafios num período de tempo tão curto. Falando da última década, a partir de 2000 se intensificou o processo de expansão das instituições, atingindo regiões interioranas dos estados. Foi o caso da UFC que consolidou sua extensão primeiramente no Cariri e depois em Sobral. Mais recentemente implantou-se em Quixadá, no Sertão Central. Em 2006, em meio a enormes polêmicas, a maior parte das universidades federais aderiu ao Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), implantado em 2007. As ações do programa contemplam aumento de vagas nos cursos de graduação, a ampliação de oferta de cursos noturnos, a promoção de inovações pedagógicas e o combate à evasão.

Por fim, no ano passado, as instituições federais de ensino superior foram convidadas pelo Ministério da Educação (MEC) a aderir ao Sistema de Seleção Unificada (SiSU), sistema informatizado por meio do qual as instituições públicas de educação superior participantes selecionarão novos estudantes exclusivamente pela nota obtida pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Mais polêmica à vista, com a proposta de substituição do vestibular tradicional e com as possibilidades abertas pelo incentivo à mobilidade acadêmica.

No início de março, o presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), Alan Kardec Martins Barbiero, veio a Fortaleza para participar de seminário de gestão da UFC. Entre outras coisas, ele realizou um balanço positivo do cumprimento das metas do Reuni e afirmou que o impacto da expansão das universidades federais não atinge somente os estudantes, mas toda a sociedade, num processo que para ele é sem volta. "Tanto os políticos quanto a sociedade já percebem nas universidades um forte vetor de desenvolvimento".

Barbiero acredita que os maiores desafios colocados para as universidades, nesse momento, são o cumprimento das metas do Reuni previstas para 2012, além da conquista de mais autonomia universitária para a gestão de recursos e pessoas, hoje dificultada, segundo ele, pelo desconhecimento da dinâmica universitária por parte dos órgãos fiscalizadores. "Temos um entulho burocrático e autoritário muito grande".



UP - Como o senhor avalia a adesão ao Reuni (Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) por parte das universidades federais?

Alan Kardec Martins Barbiero - Acabamos de publicar relatório sobre o Reuni e tivemos a clareza do seu impacto positivo para a sociedade brasileira, não apenas para jovens estudantes universitários. Ele tem muitos aspectos positivos dentre os quais uma forte interiorização das universidades federais. Vários campi novos foram criados, tivemos forte expansão de cursos noturnos e, acredito, a forte incorporação de alunos que trabalham durante o dia, geralmente alunos oriundos de famílias de baixa renda. Tivemos forte expansão das licenciaturas, ou seja, as universidades federais estão mais comprometidas com a formação de professores para a melhoria da Educação Básica. Outros aspectos, também, como a ampliação do acesso de vagas nas engenharias o fortalecimento da pós-graduação. Esse é analisado pela Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior) como um projeto de alto impacto e muito bem implementado. As metas que foram estabelecidas até o momento, praticamente, estamos cumprindo todas.

UP - Até quando vão as metas?

AKMB - Tem metas até 2012 e tem algumas metas que ultrapassam 2012, mas boa parte das metas vão até 2012.

UP - Temos eleições presidenciais em outubro próximo. Há sustentabilidade orçamentária para a continuidade dos investimentos do programa?

AKMB - Claro que qualquer mudança de governo sempre cria um nível de insegurança, de instabilidade. Até mesmo o segundo mandato do presidente Lula criou essa instabilidade. A gente percebe que as universidades federais passaram a ser vistas pela sociedade, e não pelo governo



, como um instrumento estratégico de desenvolvimento seja para o município, para o Estado, para o País. O próprio presidente Lula disse que, agora, quando ele vai visitar uma cidade do interior do País, o prefeito não demanda mais recursos simplesmente para fazer a pavimentação asfáltica, saneamento, ou construir uma quadra poliesportiva. A principal demanda que o Presidente da República recebe é a de ter um campus de uma universidade federal, o que demonstra que tanto os políticos quanto a sociedade já percebem nas universidades um forte vetor de desenvolvimento. Independente de qual seja o governo, eu acredito que, dificilmente, estancará esse processo de expansão das universidades, até mesmo porque o Brasil tem expectativas muito positivas para a próxima década. Todos os analistas estão apontando para um período de forte prosperidade no Brasil, podendo chegar a ser a quinta economia do mundo, e isso não se faz sem o fortalecimento das universidades, principalmente, das universidades públicas. Em função do crescimento

econômico, da importância das universidades, nós vamos continuar.

UP - As universidades públicas tiveram um aumento considerável do número de vagas, 63%. O orçamento vai crescer na mesma proporção, vai conseguir dar conta desse aumento tão exponencial?

AKMB - Acredito que ele pode e deve evoluir até mais do que temos hoje, por vários motivos. Primeiro, pelo próprio crescimento do PIB (Produto Interno Bruto). O Brasil estará produzindo mais, terá mais riquezas. Houve o fim da DRU, que é a Desvinculação da Receita da União. No final do ano passado, o Congresso Nacional aprovou uma PEC, um Projeto de Emenda Constitucional, acabando com a DRU, o que dava até então ao Governo Federal, ao Executivo, o direito de utilizar parte dos recursos da educação em outros setores da economia do País. Agora não pode mais. O que é constitucional tem de ir 100% para a educação. Se a gente pegar os últimos anos, nós tivemos algo em torno de R\$ 80 bilhões que

não foram aplicados. Esses recursos, agora, deverão vir para a educação. Tanto pelo crescimento da riqueza do País, quanto pelo fim da DRU e, também, pelo nível de organização que nossa sociedade se encontra. As próprias universidades federais, hoje, estão melhor equipadas, com mais pessoal, cumprindo ainda mais a sua função social. Nós iremos garantir a continuidade e a ampliação dos recursos para as nossas universidades federais.

UP - O senhor fez um balanço positivo, mas o que ficou de desafio, de lacuna que deve ser preenchida a partir de agora?

AKMB - Temos de novos desafios a própria conclusão do Reuni. É um desafio ainda a cumprir. Não fizemos uma pequena expansão, fizemos uma expansão que, se pegarmos na história contemporânea dos países em desenvolvimento, talvez seja uma das maiores expansões universitárias já conhecidas. E fizemos com uma velocidade muito rápida. E a conclusão de todo esse processo requer ainda um esforço coletivo muito grande. A outra situação é que estamos com várias frentes de trabalho. Estamos implantando o Reuni, ao mesmo tempo estamos fazendo formação de professores, expandindo a pós-graduação, com inserção muito mais forte da universidade na sociedade, com projetos de expansão e uma estrutura universitária ainda muito precária do ponto de vista da autonomia. Nós não avançamos muito na questão da autonomia universitária, embora seja constitucional. O artigo 207 da Constituição fala sobre autonomia, mas na prática nós temos muito pouca. Temos grande desafio: avançar na autonomia. Talvez seja o maior desafio, se quisermos continuar na expansão.

UP - Qual a relação entre autonomia e a garantia da expansão?

AKMB - Veja bem, se nós tivermos financiamento vinculado ao cresci-

mento do PIB, independente de quem vai ser o Presidente da República, eu sei em 2012 qual vai ser o orçamento da UFC. E eu sei se posso criar novos cursos ou não. Do jeito que é hoje, somente depois que o Congresso Nacional aprova a LOA (Lei Orçamentária) e que o presidente sanciona a Lei, eu sei quanto eu vou receber na universidade. Você faz planejamento anual, não tem planejamento de médio e longo prazo porque não há um vínculo constitucional ou através de lei para garantir. Da mesma forma, nós estamos contratando muitos técnicos-administrativos. Mas aquele técnico que pede exoneração hoje, falece ou se aposenta, não tenho autonomia hoje de repor esse técnico. Dependo do Congresso Nacional, as universidades dependem.

UP - Com os docentes é da mesma forma?

AKMB - Com os docentes nós conseguimos avançar, criamos o banco de professor equivalente que, automaticamente, nós podemos abrir o concurso. Mas se eu começar a enumerar para você as necessidades que

"Quando chega o campus de uma universidade em uma cidade pequena é a mesma coisa de ter chegado a modernidade, de chegar o Estado, a possibilidade de uma melhoria econômica e social para o município"

nós temos de autonomia para dar a dinâmica necessária às universidades federais... Temos um entulho burocrático e autoritário muito grande. Vou te dar um exemplo simples: escolha de reitor. A lei de escolha de reitor dos Institutos Federais não fala mais em lista triplíce, ou seja, de ter de mandar uma lista com três

nomes para o Presidente da República escolher. A comunidade escolhe e aquele mais votado é o que tem de ser empossado. Nas universidades, nós vivemos ainda o sistema de lista triplíce. O Presidente da República pode indicar o último colocado, o terceiro da lista. A Andifes está fazendo trabalho fantástico, trabalho coletivo muito grande para avançar nessa agenda, mas sabendo das dificuldades de cumpri-la.

UP - O senhor falou em impacto das universidades sobre as cidades menores, periféricas. Como o senhor ilustraria esse impacto? O que mudou nas cidades do interior com a expansão?

AKMB - Quando chega o campus de uma universidade em uma cidade pequena é a mesma coisa de ter chegado a modernidade, de chegar o Estado, a possibilidade de uma melhoria econômica e social para o município. Alguns municípios têm como única possibilidade de se desenvolver a presença de uma universidade federal. Não há nenhuma outra instituição com o peso e com a força de uma universidade, e isso é percebido pelas pessoas mais simples do município. As universidades federais estavam nas capitais. Criou-se no imaginário coletivo a ideia de que uma universidade federal era uma coisa rara, localizada nos grandes centros urbanos e quando ela chega no interior, ela chega também trazendo esse simbolismo: o nosso município está se desenvolvendo, temos uma universidade federal. E uma universidade não forma apenas profissionais, mas seu papel é de construir a cidadania, de ajudar a própria formação da sociedade civil em regiões ainda pouco organizadas. Ela representa muito para aquela comunidade, e se a gente pegar exemplos no Ceará mesmo, a perspectiva desses municípios que estão recebendo as extensões da Universidade Federal do Ceará é, realmente, a possibilidade de autopromoção muito grande da região.

UP – Vocês fizeram uma análise qualitativa dessa expansão?

AKMB – Nós fizemos, pegamos os cursos novos criados pelo Reuni e de expansão que tivemos antes do Reuni e todas as avaliações, todos os indicadores de qualidade. Verificamos que não houve nenhuma perda de qualidade no sistema como um todo, ou seja, nosso gráfico continua ascendente. Continuamos melhorando a qualidade, mesmo num processo de expansão.

UP – Como tem sido o papel de órgãos de controle? Eles respeitam a autonomia da universidade?

AKMB - O que podemos dizer é que, hoje, as reitorias perderam muito poder de fazer a gestão da universidade. Nós temos inúmeros acórdãos do TCU (Tribunal de Contas da União), da CGU (Controladoria Geral da União), temos as procuradorias que fazem a assessoria jurídica e a defesa das universidades que não são próprias das universidades, mas vinculadas à Advocacia Geral da União. Isso tem trazido dificuldades porque são pessoas e instituições que intervêm na vida da universidade, mas que, muitas vezes, não têm a convivência no ambiente universitário para entender bem o modus operandi das nossas instituições. Nós temos travado muitos debates com nossos órgãos de controle que são importantes. Não queremos ficar sem eles, mas temos de ter diálogo muito intenso para que eles entendam a peculiaridade das universidades.

UP – Isso tem interferido na execução do Reuni?

AKMB – Na vida de toda a universidade. Para algumas obras do Reuni, tivemos recursos liberados no final do ano, como também as emendas parlamentares. A gente as recebe geralmente nos últimos dias do ano e, nesses casos, não havia tempo suficiente para as universidades fazerem as licitações. Transferimos para as fundações e fazíamos exatamente como a lei diz. Só que agora tivemos o acórdão do TCU que diz que nós não poderemos mais fazer essa transfe-

rência. Isso tem impacto na implantação do Reuni, da expansão como um todo, como também para o desenvolvimento científico e tecnológico.

UP – O Reitor da UFC, Jesualdo Farias, tem dito que um fator crucial para que o Enem dê certo como processo seletivo é que as universidades passem a adotá-lo. Como o senhor avalia que grandes universidades ainda não tenham adotado o Enem em seu processo seletivo?

AKMB- O Enem, no meu entendimento, é uma boa proposta, mas é um processo em construção. Não podemos imaginar que uma mudança com essa dimensão, de um processo histórico de vestibulares, seja feita de um ano para o outro. É claro que a adesão das universidades federais é fundamental para a consolidação do Enem. Se nós não participarmos, de

"Temos travado muitos debates com nossos órgãos de controle. Não queremos ficar sem eles, mas temos de ter diálogo muito intenso para que eles entendam a peculiaridade das universidades"

uma forma ou de outra – e há muitas possibilidades, ele não vai ser experimentado, avaliado, testado, melhorado e consolidado. Parece-me que as universidades federais devem buscar a sua participação de forma autônoma conforme a decisão de seus conselhos e a maturidade que cada instituição tem. Volto a dizer: é um processo que está em construção. Vamos ter outras edições e espero que cada uma supere a anterior.

UP – Como o senhor avalia essa primeira experiência?

AKMB – Acredito que ela foi bem-sucedida em alguns aspectos e demonstrou fragilidade em outros. A própria Andifes já tinha feito algumas discussões e apontava dificuldades. Com relação à segurança do processo, houve um primeiro consórcio que não tinha a qualidade técnica, mas ganhou a licitação. E tivemos um primeiro problema que foi o vazamento da prova. Isso teve impacto negativo para uma proposta que estava começando. Foi corrigido. A mobilidade, que é uma proposta interessante, e temos de avaliar isso, parece que não teve a dimensão pretendida. Seja por dificuldades pessoais dos candidatos ou por não termos um sistema de suporte para garantir essa mobilidade, é tema que a gente tem que avançar mais. Tivemos alguns ganhos também. O conteúdo das provas, embora haja necessidade de avaliação mais aprofundada, força os estudantes a processo maior de reflexão. Outro aspecto, também, é o desenvolvimento de Sistema Unificado que é interessante. Embora a sua capacidade de suporte, em alguns momentos tenha estrangulado, a proposta do SiSU é um avanço.

UP – Isso que você aponta como avanço não é um risco do aumento da taxa de evasão, por exemplo, que o senhor disse que é tão alta nas universidades federais?

AKMB – É claro que a possibilidade de maior mobilidade entre diferentes estados requer investimentos adicionais em assistência estudantil. Tivemos ano passado a implantação de programa de assistência estudantil. Do ano passado para cá tivemos incremento de 50% na verba de assistência estudantil, mais esses recursos são ainda insuficientes para garantir uma forte mobilidade no País. Não começamos a discutir o orçamento de 2011. A gente espera que haja um incremento para garantir a assistência ao estudante. Se tivermos uma mobilidade em função do Enem, nós teremos uma pressão da própria base de garantir a moradia estudantil, a alimentação para os estudantes carentes que vão se deslocar de um estado para o outro. Se quisermos garantir a mobilidade teremos de ter incrementos anuais. 

Devoção à ciência

Com a coleção de DVDs "Santo de Casa", a Seara da Ciência inicia produção audiovisual que visa homenagear cientistas renomados e estreitar a relação dos estudantes com a ciência

A memória e o trabalho de cinco renomados pesquisadores e cientistas com trajetórias ligadas ao Ceará, mas também de reconhecida repercussão nacional, podem agora ser revisitados na coleção de DVDs "Santo de Casa", lançada, recentemente, pela Seara da Ciência, equipamento de divulgação científica da Universidade Federal do Ceará. A coleção reúne entrevistas biográficas, com depoimentos, fotografias e outras imagens documentais, a vida e o ofício de quem contribuiu para a garantia de maior qualidade de vida para o povo.

Neste primeiro volume da coleção, dois grandes incentivadores da pesquisa acadêmica e da inovação científica abriram, pela última vez, as portas e as janelas de vidas dedicadas inteiramente à devoção da Ciência. É lá que podem ser vistas as últimas entrevistas do criador do projeto Farmácias Vivas, Francisco José de Abreu Matos, Professor Emérito da UFC falecido no final de 2008, e do químico Miguel Cunha, incentivador e formador de talentos científicos, que morreu dias depois do lançamento de "Santo de Casa", em março.

Também fazem parte da edição 2009 da coleção, a professora do Departamento de Física da UFC, Maria Marlúcia Santiago, especialista no cálculo da idade de águas através do método de datação isotópica por Carbono-14; o engenheiro químico Expedito Parente, que já nos anos 1970 iniciou estudos para a produção de combustíveis alternativos à gasolina, cujo maior resultado de suas pesquisas é o biodiesel extraído a partir de sementes oleaginosas; e o

farmacêutico Rodolpho Théophilo, precursor do combate à varíola no Ceará, que tem sua vida contada em "Santo de Casa" em entrevista com o escritor cearense Lira Neto, autor do livro "O poder e a peste – A vida de Rodolfo Teófilo", de 1999.

A origem da coleção "Santo de Casa" é de 2006. Naquele ano, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) abriu edital para projetos de divulgação de ciências. A Seara da Ciência se inscreveu com a intenção de produzir vídeos biográficos de grandes cientistas nacionais. Apesar da aprovação do projeto, o recurso foi liberado somente no final de 2007. Foi quando, a partir de encontros entre Marcus Vale e José Evangelista, diretor executivo e assessor científico da Seara da Ciência, respectivamente, com Tarcísio Pequeno, presidente da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), chegou-se à ideia do produto audiovisual lançado agora.

"Com a entrada da Funcap no projeto, decidimos mudar um pouco o foco do trabalho. Em vez de fazermos com cientistas brasileiros, o que iria diluir muito, porque são vários nomes, por que não fazer com cientistas de casa?", explica o Prof. Ilde Guedes da Silva, coordenador do projeto "Santo de Casa". As entrevistas foram realizadas pela equipe de audiovisual da agência de amparo à ciência estadual.

Os DVDs da coleção têm duração, em média, de 48 minutos. O tempo visa à exibição das entrevistas na televisão em quatro blocos de 12 minutos cada. Isto porque é preocupação

da Seara que a divulgação de "Santo de Casa" não se restrinja ao site do equipamento (www.seara.ufc.br), onde as entrevistas estarão disponibilizadas em breve. "Queremos ainda que seja possível multiplicar esses DVDs, que cada escola pública ou privada e museus tenham acesso a eles. É interessante também a divulgação física da caixa de DVDs", explica Guedes. Para isso, contatos com as secretarias estaduais de Educação (Seduc) e da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Secitece), além de ministérios, estão sendo feitos.

A ideia da Seara da Ciência é produzir o segundo volume de "Santo de Casa" ainda neste primeiro semestre de 2010. Na mesma direção, já foi iniciada a produção de outro projeto audiovisual: "Imortais da Ciência", realizado também em parceria com a Funcap e o Departamento de Física da UFC. Dessa vez, pesquisadores brasileiros renomados foram convidados a vir até a UFC para, em conferências, apresentar a biografia de cientistas que contribuíram para o avanço da Ciência. 



SANTO DE CASA

Caixa com 5 DVDs
Informações em
www.seara.ufc.br ou
seara@seara.ufc.br

Em movimento

O desporto universitário, com história marcada por altos e baixos em nossa Instituição, vem recuperando prestígio e modificando a vida de treinadores e atletas

por Simone Faustino

Para uns, ele é lazer. Para outros, garantia de manutenção da saúde. E há ainda os que o encaram como profissão. O desporto, na Grécia Antiga, era usado para unir civilizações e explorar o potencial físico e o caráter do ser humano. Na concepção moderna de universidade, que tomou forma durante o Renascimento, o equilíbrio entre corpo e mente tornou-se fundamental, e o esporte ocupou lugar de destaque como elemento formador. Na Universidade Federal do Ceará (UFC) não é diferente, especialmente após a criação do Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES), ocorrida em dezembro de 2009.

Contudo, a história das atividades esportivas na UFC remonta a anos bem anteriores, extremamente vinculada ao cotidiano estudantil. Em 1975, foi criada a Coordenadoria de Atividades de Desporto e Lazer (CADL), ligada à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis. A CADL era responsável pelo gerenciamento do

parque esportivo da Universidade, construído no Campus do Pici, e pela oferta das disciplinas de prática esportiva, obrigatórias na época.

O Prof. Wilson Couto, há 36 anos na UFC, foi um dos que acompanharam de perto esse momento em que o esporte ainda engatinhava na Instituição. De acordo com ele, o complexo é ainda mais velho que a Coordenadoria. “Este parque esportivo foi inaugurado em 1972, para os jogos do Sesquicentenário da Independência do Brasil. Eu ficava responsável pelas disciplinas de prática obrigatória, que existiam nos currículos de todos os cursos”. O local teve seus momentos áureos e já contou com pista de atletismo de destaque em Fortaleza. “A original era feita de saibro, abrigou muitas competições importantes e já foi a melhor da cidade”, relembra. Também data da época a criação do Centro dos Estudantes Universitários da UFC (CEUC), entidade concebida para viabilizar a filiação dos atletas da Instituição em federações e inscrevê-los em competições.

O curso de Educação Física da UFC só veio a ser oficialmente criado em 1993, quando a Faculdade de Educação o acolheu, atrelando-o ao Departamento de Teoria e Prática do Ensino. Embora a relação tenha sido de cumplicidade, a ligação causou certos entraves ao desenvolvimento do curso. “Fomos muito bem acolhidos pela Faculdade de Educação, mas não tínhamos professores suficientes para criar um departamento. Funcionávamos à base de professor substituto, e essa estrutura propiciava um descontrole quase que total das ações. Isso nos fazia discutir coisas que não nos diziam respeito”, resgata o Prof. Antônio Barroso Lima, hoje diretor do Instituto de Educação Física e Esportes. Os professores antes lotados na CADL foram transferidos para o departamento na Faced e, desde o fim do ano passado, para o IEFES.

Do início da década de 1990 até a gestão do ex-Reitor René Barreira, o complexo esportivo da UFC amargou um período de abandono. A falta de estrutura do curso de Educação Física impedia uma gestão eficiente do espaço, ainda confiado à PRAE. “Tem um caso folclórico, de que o pessoal chegou aqui, lá pelos anos de 1985, 1986, e tinha uma vaca dentro da piscina. Foi um trabalho terrível para retirá-la”, diz o Prof. Lima, rindo. Foi quando se deu uma mudança: o saudoso Reitor Ícaro Moreira, ainda quando Vice-Reitor de René Barreira, convidou o curso de Educação Física para gerenciar o complexo. “Aceitamos a responsabilidade, sob a condição de que aquilo teria de mudar radicalmente. Recuperamos as piscinas, que não trocavam de filtro

Erenildo Nascimento, atleta paraolímpico premiado, treina há três anos no parque esportivo da UFC

há 15 anos, estruturamos o parque aquático, recuperamos os três prédios e integramos tudo. Com isso, já visualizamos a possibilidade de mudar o curso para cá, o que aconteceu em 2009.1”.

Para a criação efetiva do IEFES, prevista no projeto da UFC de adesão ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), o curso também prometeu sua contrapartida. Primeiro, dobraria as vagas de entrada no vestibular de 25 para 50 por semestre; segundo, abriria cursos de pós-graduação na área, que nunca tínhamos ofertado; terceiro, articularia a criação, em 2011, de um curso noturno, que disponibilizaria 25 vagas; quarto, começaria os trabalhos para abrir um mestrado em 2012. Em dezembro do ano passado, com a efetivação do Instituto, o controle do parque esportivo passou oficialmente ao curso, cujas atividades de extensão continuam sendo executadas em parceria com a CADL.

Descobrimo talentos

“Ao longo de sua trajetória, o esporte na UFC alternou momentos de prosperidade e dificuldade, mas sempre atuou de forma importante na vida acadêmica. Atualmente passa por um processo de reestruturação e ampliação das ações”, afirma Wildner Lima, técnico desportivo do IEFES e diretor da Divisão de Desporto Universitário da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis. Hoje são várias as atividades de extensão, que atendem às comunidades acadêmica e externa, e as modalidades nas quais a UFC tem atletas competitivos de grande rendimento.

Uma iniciativa de destaque no campo da extensão é um projeto de Inclusão no Esporte, empreendido pelo curso de Educação Física no parque esportivo. Pessoas com diferentes graus de deficiência participam do programa, em diversas modalidades. Na nataçao, o treinador é o também professor do IEFES, Valdir Rodrigues.

Segundo Valdir, não há delimitação de idade nem de perfil. O interessado procura o projeto, é feita uma avaliação física e encaixa-se a pessoa na modalidade de seu interesse, sempre respeitando as limitações do tipo de necessidade especial e o estado de saúde. Ele deixa claro o objetivo não é formar atletas, embora muitos cheguem ao local com essa motivação, já que o desporto paraolímpico ocupa lugar de destaque na sociedade atual. “Recebemos as pessoas com deficiência para ajudar a melhorar a qualidade de vida, aumentar a autoestima. A princípio, é para melhorar a execução das Atividades da Vida diária (AVD’s). A partir daí, os que têm mais motivação e preparo podem ser trabalhados para competir em suas modalidades”, orienta.

Estefânia Ribeiro, 29, possui distrofia muscular e era uma das atletas em atividade no parque aquático, quando a equipe de Universidade Pública visitou o local. Ela reconhece os efeitos benéficos do esporte para sua saúde e recuperação. Além da doença, uma queda sofrida em 2008 deixou sua mobilidade ainda mais compro-

metida. “Daqui a um ano, eu pretendo estar andando novamente”, diz orgulhosa. Seus pais, Salete e Anastácio Ribeiro, moram no Planalto Pici e a acompanham nas vindas às aulas de nataçao, duas vezes por semana.

Outro exemplo de superação é o de Erenildo do Nascimento, o “Eron”. Só que, diferente de Estefânia, o rapaz de 21 anos não se recupera no projeto. Eron é atleta paraolímpico de alto rendimento, treina na pista do parque esportivo e detém títulos de relevância nacional. Cego desde os seis anos de idade, devido a uma alergia a antibióticos, já conquistou nos três anos de treino na UFC tricampeonato Norte-Nordeste dos 100 e 200 metros com salto e o 3º lugar no Brasileiro de salto em distância.

Além do destaque em competições, o rapaz faz muitos planos. “Um sonho é ter oportunidade de melhorar e me desenvolver mais como atleta. No futuro, quero poder passar a pessoas especiais, no caso da área visual, a minha experiência. Espero poder motivar outros atletas”, vislumbra. Até o fechamento da matéria, Eron, que já cursava uma universidade privada, estava no aguardo pela chamada dos classificáveis da Universidade Estadual do Ceará (Uece). O curso escolhido, obviamente, é Educação Física.

Presença dentro e fora da UFC

A Divisão de Desporto Universitário desenvolve atividades como elaborar e realizar eventos desportivos, representar a UFC junto a instituições desportivas, assessorar as Associações Atléticas e garantir participação ativa dos alunos nos eventos apoiados pela PRAE. Segundo Wildner Lima, o setor promove os Jogos da UFC e acompanha de perto os estudantes atletas nas seleções estaduais que garantem vagas nas Olimpíadas Universitárias.

“Na realização dos JUFC 2008, em Fortaleza, foram 518 inscrições em cinco modalidades. Já nos JUFC 2009 esse número cresceu para 789 inscrições em 10 esportes. Creio que

Estefânia Ribeiro recupera-se de problemas da distrofia muscular com a ajuda de alunos e professores no Pici

os números são significativos, sinalizam que o desporto ganha importância na vida acadêmica. Além da participação, houve melhoria na organização e no nível técnico dos participantes”, destaca o titular da divisão.

As Olimpíadas Universitárias são almeçadas pelos estudantes, mas as seletivas contam com nível técnico alto, onde as universidades particulares concedem bolsas a atletas de alto nível para comporem suas equipes. Mesmo assim, a UFC se fez presente. Ao conversar com Maria Edilene de Lima, o porte altivo e as pernas delineadas entregam: estamos diante de uma corredora. Ela tem 33 anos e não é aluna da UFC, mas faz parte da equipe de atletismo da Instituição, que também recebe pessoas da comunidade. “Comecei no esporte tarde, aos 22, participando de corrida de rua. Conheci os professores Jorge Gomes e Couto, que me convidaram para treinar na pista. Em 2009, comecei a colher os frutos. Fiquei em 1º lugar nos 800 metros do Troféu Brasil Máster e fui campeã das Olimpíadas Universitárias, batendo meu próprio recorde”, orgulha-se.

Alunos regularmente matriculados em cursos de graduação e pós-graduação da UFC também participam das seleções da UFC. Ana Caroline Matos é estudante de Direito, enquanto os colegas atletas Larissa Mota, Alan Diego e Ranielle Calixto são graduandos em Educação Física. Todos já eram esportistas desde os tempos de colégio e, enquanto Caroline não quis abandonar a prática, mesmo escolhendo a área de Ciências Humanas, os demais abraçaram o desporto como profissão.

Ranielle já nadava em clubes de Fortaleza desde criança. “Já competi fora, fui campeã ce-

arense e Norte-Nordeste. Integro agora a equipe de natação da Universidade e acabei conhecendo todos os estados do Nordeste, de competição em competição”. A jovem já atua dando aulas em academia de natação. O colega Alan já jogou futebol nas categorias de base de times locais, como Fortaleza, Ceará e Uniclínic. Pela UFC, ingressou no time desde que passou no vestibular. “Estive na equipe que foi campeã em 2008 e 2009 dos Jogos da UFC. Também vencemos o campeonato do Mundo Unifor”, lista.

As perspectivas boas aumentam a esperança de que o esporte tenha a devida valorização na Universidade. “Será mais valorizado com a manutenção dos resultados e as conquistas de outros. Havia uma demanda reprimida de eventos desportivos na Instituição e isso fez com que o desporto ficasse um pouco renegado na vida acadêmica. A melhora se dará de acordo com a atuação dos agentes envolvidos, tanto professores, como servidores e alunos”, acrescenta Wildner Lima.

No início de 2010, foi implantada a Bolsa de Incentivo ao Desporto, mais uma iniciativa da PRAE. O objetivo é incentivar os estudantes de graduação a unirem desempenho desportivo e acadêmico, a partir da atuação em atividades relativas à gestão de associações atléticas, serviço de salvamento aquático no Parque Aquático do Pici ou, mais genericamente, rendimento desportivo em modalidades. “O desporto universitário é importante



Prof. Lima: melhorias no Parque Esportivo possibilitaram mudança do curso para o Pici em 2009

ferramenta na formação acadêmica, contribuindo na missão de qualificar os alunos, de gerar e difundir conhecimentos, de preservar e divulgar valores, produzindo desenvolvimento social”, sintetiza a Profª Clarisse Ferreira Gomes, Pró-Reitora de Assuntos Estudantis da UFC.

Os planos são muitos. Há um projeto arrojado que até já possui *layout*, mas ainda precisa ser aprovado e obter financiamento para vincular a UFC à Copa do Mundo de 2014 e às Olimpíadas de 2016. “No papel, estão projetados a recuperação e iluminação da pista de atletismo; uma piscina de 25m coberta; um segundo campo esportivo com grama, vestiário e arquibancadas; ampliação das quadras existentes e construção de novas; salão de musculação; sala de avaliação física; sala de fisioterapia; auditório para 200 pessoas; refeitório com cozinha industrial; quatro salas de aula com capacidade para 50 alunos e alojamentos com capacidade para 180 hóspedes”, afirma o diretor do IEFES, Prof. Lima. O projeto é oneroso, mas, segundo o diretor, seria um Centro de Alto Rendimento pronto para abrigar qualquer equipe do mundo que queira se alojar e treinar na UFC. ☺

Os novos comendadores da UFC

Admissão na Ordem Nacional do Mérito Científico celebra mais de quatro décadas de dedicação à pesquisa em Física e Química Orgânica na UFC

A sensação é de dever cumprido. Mas a certeza é de que a caminhada jamais chega ao fim. Depois de mais de quatro décadas dedicadas à pesquisa científica, os pesquisadores Josué Mendes Filho, Chefe do Departamento de Física da Universidade Federal do Ceará, e Afrânio Aragão Craveiro, Professor Emérito aposentado da UFC, foram admitidos na Ordem Nacional do Mérito Científico, na Classe de Comendador. Destinada a personalidades nacionais e estrangeiras que se distinguiram por relevantes contribuições à Ciência e à Tecnologia nacionais, o reconhecimento foi recebido, por ambos, com humildade.

“Foi uma grata surpresa, não esperava honraria tão grande. Mas posso dizer que além do mérito científico em si, acredito que tenha sido pelo meu trabalho em prol da Ciência do Ceará e do Nordeste. O Programa de Pós-Graduação em Física da UFC (hoje com conceito 6 junto à Capes) foi o primeiro da Universidade e do Estado a alcançar o nível internacional. Esse trabalho também foi de meus colegas, mas acredito ter sido o catalisador”, afirma Josué, pesquisador há 42 anos.

Professor Titular do Departamento de Física da UFC, ele desenvolve pesquisas na área de Física do Estado Sólido, com ênfase em Espectroscopia Raman. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (nível 1B), com cerca de 160 trabalhos científicos publicados em periódicos internacionais, nas áreas de Espectroscopias (Raman, Infravermelho, Mossbauer, Fotoacústica), Nanomateriais e Estrutura Eletrônica, e 1.300 citações.

Segundo Mendes, o Departamento de Física da UFC é hoje um ambiente multidisciplinar. “A Física tem hoje uma visão bem aberta, tratamos de assuntos variados, desde Economia Internacional ao nível mais sofisticado da Física”, afirma. Exemplos disso foram os estudos que geraram um editorial na renomada revista internacional *Nature*, que destacou estudo feito na Física da Instituição sobre o comportamento dos brasileiros nas eleições proporcionais. “Não parece trabalho de Física, mas tem tudo a ver, sim. Existem leis de escala que regulam esse

processo”, garante.

Para Afrânio Craveiro, “é muito gratificante saber do reconhecimento do trabalho que venho fazendo. Muita gente que considero melhor tem condições de receber a honraria, como o Prof. Josué, o que me envaideceu bastante. Para a instituição UFC, foi um destaque especial, por se tratar de uma honraria concedida para duas áreas de difícil trabalho no Brasil, como são a Física e a Química”, acredita.

Segundo o pesquisador, a honraria é resultado de um trabalho dedicado à Química desde a década de 1970. “Ao lado de companheiros, montamos o Programa de Pós-Graduação em Química Orgânica, que coordenei por mais de dez anos, e trabalhamos em projetos fomentados pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep)”, diz. Afrânio também é responsável pela criação do Laboratório de Produtos Naturais da UFC, criado em 1982, e do Parque de Desenvolvimento Tecnológico (Padetec), inaugurado em 1990.

Craveiro obteve, em 1974, título de Doutorado em Química Orgânica pela Indiana University, nos Estados Unidos. Foi pesquisador 1-A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na área de Química, de 1977 a 1996. Atualmente é membro do Conselho Deliberativo do CNPq, além de ter sido membro fundador da Academia Cearense de Ciências e da Academia Cearense de Química. Atualmente, pesquisa produtos e polímeros naturais e óleos essenciais, e trabalha com processos de síntese orgânica e desenvolvimento tecnológico.

A cerimônia para entrega das insígnias e dos diplomas, ainda sem data confirmada, acontecerá em ato solene presidido pelo Presidente da República ou pelo ministro da Ciência e Tecnologia.

Entre os professores da UFC agraciados com a comenda estão José Júlio da Ponte, do Centro de Ciências Agrárias, João Lucas Barbosa, do Departamento de Matemática, Benildo Sousa Cavada, do Departamento de Bioquímica, Glaucete Socorro de Barros Viana, da Pós-Graduação em Farmacologia, e o professor emérito Antônio Gervásio Colares. ☺



Os professores Josué Mendes (no alto) e Afrânio Craveiro receberão suas comendas em cerimônia oficial, em Brasília



Atletas da UFC competem dentro e fora da Universidade em modalidades como natação, futebol e basquete

Vestibular:

Você já sabe o que mudou?

A decisão de adotar o Exame como fase única do processo seletivo da UFC já foi tomada. Agora, sobram dúvidas na cabeça dos vestibulandos e da comunidade universitária. Nas próximas páginas, UP desvenda alguns dos "mistérios" dessa que pode ser considerada uma das maiores mudanças da história da UFC

por Hébely Rebouças

Unhas roídas, cabelos arrancados e muita ansiedade. Desde o último dia 26 de fevereiro, quando a UFC decidiu que irá mesmo trocar o vestibular tradicional pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) a partir deste ano, é essa a situação dos milhares de jovens que se preparam para ingressar na Instituição. Também pudera: é a primeira vez, em mais de 50 anos, que a Universidade modifica radicalmente seu processo seletivo. E não bastassem as dúvidas sobre Matemática, Física ou História, surge agora uma nova questão: afinal, como vai funcionar o novo sistema?

A iniciativa de adotar o Enem como fase única da seleção de novos alunos atende a uma proposta do Ministério da Educação já abraçada, total ou parcialmente, por 51 universidades em todo o País (número registrado até o fim de março). Uma das vantagens é que, com a nota obtida no Exame,

o estudante pode disputar vagas em todas as universidades brasileiras que acatarem a mudança, sem precisar fazer diferentes provas ou se deslocar de um estado para outro.

A maior parte do processo seletivo é feito via internet, através do portal do Sistema de Seleção Unificada (SiSU) – www.sisu.mec.gov.br. Funciona assim: depois de receber o resultado do Enem, o aluno consulta no Sistema a quantidade de vagas disponíveis e as instituições participantes. De olho na nota alcançada no Exame, ele pode escolher até três opções de curso, com base em suas aptidões e áreas de interesse. Quando termina o prazo de inscrição, o Sistema divulga a lista dos aprovados e o estudante confirma, pela internet, se vai mesmo frequentar o curso. Só depois, é necessário comparecer pessoalmente à instituição para realizar a matrícula definitiva (ver infográfico ao final da matéria).

É tempo de se adaptar

Após a primeira experiência de uso do SiSU – o calendário foi concluído em março –, algumas novidades foram pensadas para garantir o bom andamento da seleção. Durante encontro no último dia 23 de março, em Brasília, entre o ministro da Educação, Fernando Haddad, e os reitores de universidades federais de todo o Brasil, ficou decidido que a matrícula virtual dos estudantes será feita em apenas uma fase – ao contrário do que ocorreu anteriormente, quando houve três rodadas.

Pelo modelo antigo, as vagas não preenchidas na primeira etapa da matrícula on-line eram disputadas na rodada seguinte – o que tornou o cronograma muito extenso e acabou gerando confusão entre os estudantes. A partir do próximo Enem, as vagas remanescentes passam a ser ocupadas por meio de uma lista de espera, criada automaticamente após o fim do prazo de matrículas.

Outra novidade é que, a partir de agora, cada aluno vai poder se inscrever em apenas duas ou, no máximo, três opções diferentes de cursos – não mais em cinco, como na primeira edição do SiSU. De acordo com o entendimento do MEC, a redução poderá evitar que os estudantes testem opções desnecessárias, mesmo que não pretendam assumir as vagas, saturando o Sistema.

Segundo o Reitor da UFC, Prof. Jesualdo Farias, os detalhes operacionais dessas mudanças serão definidos e divulgados depois de 30 de abril. Isso porque, até essa data, o Ministério terá em mãos o primeiro relatório analítico do SiSU, que subsidiará as possíveis adaptações. “Por enquanto, nós não temos informações exatas sobre como se comportou o Sistema ao longo do processo. Somente depois do relatório será possível traçar um diagnóstico, avaliar erros e acertos. Assim, o MEC terá condições de planejar melhor as mudanças necessárias”, explicou.

A UFC também se prepara

A sensação de estar prestes a encarar uma mudança importante, mas sem saber exatamente como tudo vai funcionar, mexe com os nervos de quem se prepara para o Enem. “Estamos vivendo uma incógnita”, desabafou o professor de Física Jandir Sampaio de Sousa, da Escola de Ensino Fundamental e Médio César Cals, em Fortaleza.

O estilo mais reflexivo e menos concludista do Enem já vinha sendo inserido nas aulas e avaliações do colégio, mas, segundo ele, há dúvidas sobre como a UFC adotará o novo sistema. “Precisamos ter mais informações sobre como será a participação da Universidade no SiSU, para que não percamos o foco na hora de passar o conteúdo”, alertou Jandir.

Em resposta ao professor e aos milhares de jovens que estão com a mesma expectativa, o Reitor da UFC tem afirmado que é preciso aguardar os próximos passos. Enquanto o MEC define as adaptações no Sistema, a UFC também está trabalhando para se adequar à nova realidade de seleção.

O prazo para que a Universidade especifique os detalhes de sua participação no SiSU termina em 26 de maio. “Esse é um momento mais de dúvidas que de certezas. Boa parte das respostas que a sociedade espera só poderá ser dada depois dessa data”, afirmou o Prof. Jesualdo.

A UFC precisa resolver, por exemplo, se continuará aplicando os testes de habilidades específicas para cursos como o de Arquitetura e Urbanismo. Além disso, os novos critérios de desempate e a definição das chamadas “notas de corte” – pontuação mínima exigida ao candidato em cada curso – também estão entre as lacunas que precisam ser preenchidas.

O papel da Universidade no processo seletivo é outro ponto em discussão. Isso porque, como se trata de uma prova nacional, unificada em todo o País, o Enem passa a ser de total responsabilidade do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), vinculado ao MEC – e não mais da Coordenadoria de Concursos (CCV) da UFC, que antes formulava e aplicava as provas.

Entretanto, conforme destacou o Reitor, “nós queremos ser protagonistas desse novo sistema. Vamos procurar emprestar a experiência da CCV na área de concursos para aperfeiçoar o sistema”, principalmente no que diz respeito à formulação de questões do Exame e à logística de aplicação dos testes.

A adaptação da UFC está sendo pensada pela Coordenadoria, que deverá apresentar ao Conselho Universitário, até o fim de maio, uma proposta que contemple as novas necessidades do SiSU. Apesar das dúvidas, alguns pontos já são dados como certos: a Universidade adotará o Enem como fase única de seu processo seletivo – ou seja, não haverá mais a etapa de específicas no Vestibular da UFC – e 100% das vagas da graduação serão disponibilizadas no SiSU.

Enquanto isso, polêmica

Ponderações técnicas à parte, o novo Enem também tem sido alvo de outro tipo de discussão: a ideológica. Alguns setores da comunidade interna e externa – dentre os quais, parte do movimento estudantil – têm centrado fogo na mudança, que, originalmente, foi lançada pelo MEC como forma de reestruturar o Ensino Médio brasileiro.

A ideia do Governo Federal é substituir a famosa “decoreba”, muitas vezes exigida no vestibular tradicional, pelo raciocínio

lógico, a interpretação textual e o incentivo à conexão entre diferentes saberes – pontos centrais do Enem. Só com um novo tipo de seleção nas Universidades, diz o MEC, será possível consertar, a médio e longo prazos, as distorções pedagógicas que o excesso de conteúdo estaria causando na Educação Básica.

Até aí, nada de muito controverso. Afinal, que estudante nunca se perguntou sobre o porquê de tantas fórmulas matemáticas, nomes científicos e regras gramáticas – todas imediatamente esquecidas após o vestibular? O problema, de acordo com a maior parte das críticas, está no Sistema de Seleção Unificada. Considerado o “cérebro” do novo modelo, o SiSU também se transformou no verdadeiro “vilão” da história, para determinados grupos.

Dentre os questionamentos, está o caráter nacional do Enem e a suposta extinção de itens sobre História, Geografia e Literatura regionais na prova. Isso porque, com a seleção unificada, estudantes de Norte a Sul do Brasil realizarão os mesmos testes, o que pode fazer com que o conteúdo local deixe de ser cobrado.

O que é visto como problema por uns é, no entanto, encarado como fator positivo por outros. O Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História da UFC, Prof. Régis Lopes, explicou que, há 12 anos, os parâmetros curriculares da área prevêm que a História local e a nacional devem ser vistas de forma “dialética”, sem separações. “O Enem consegue fazer isso. A concepção de que a História do Ceará deve ser abordada de maneira isolada é completamente antiga. Interessa que o candidato tenha capacidade comparativa, de construir relações entre o local, o nacional e o global”, argumentou.

Lopes destacou, ainda, que a primeira prova do Enem no SiSU – que foi anulada, em outubro

do ano passado, por suspeitas de fraude – trazia questões sobre o poeta cearense Patativa do Assaré, por exemplo. “Todos os itens do Exame faziam comparações entre temas particulares e gerais. É preciso entender que o regionalismo isolado fecha fronteiras. E fronteiras só interessam ao Estado e à polícia”, defendeu.

Outra preocupação sobre o aspecto generalista do Enem é o suposto perigo de os conteúdos referentes à realidade de cada estado desaparecerem da sala de aula nos colégios. Há quem profetize que, se não será cobrado no vestibular, o fator local deixará, aos poucos, de fazer parte da estrutura curricular nas escolas.

Pelo menos em tese, a hipótese foi descartada por diretores das

redes particular e pública de ensino, ouvidos por UP. Diretor do pré-vestibular de uma das sedes do Colégio Farias Brito, em Fortaleza, o Prof. Jorge Cruz chegou a admitir que, no 3º ano do Ensino Médio, é possível que as questões regionais sejam abordadas com menor frequência.

Entretanto, ele refutou a possibilidade de tais conteúdos serem cortados ao longo das demais séries. “É uma loucura tirar. Não há nenhuma orientação nesse sentido. Até porque a Universidade Estadual do Ceará (Uece) não vai adotar o Enem, e muitos dos nossos alunos prestam o vestibular de lá”, considerou.

O Prof. Régis Lopes reforçou esse discurso ao explicar que “de acordo com os parâmetros curriculares nacionais, a criança começa a aprender a partir do que ela conhece, ou seja, da realidade local. Vai continuar sendo assim, com ou sem Enem”.

Mapa: IBGE

O Reitor Jesualdo Farias atendeu, ainda, para a necessidade de o MEC explicitar o que deve ou não ser obrigatório na estrutura pedagógica das escolas brasileiras, independentemente das universidades. “Não cabe às universidades e ao vestibular ditar o Ensino Médio. É o Ministério quem precisa ficar atento ao conteúdo e à qualidade da educação básica”, defendeu.

Mobilidade e assistência

Embora polêmica, a questão do regionalismo parece ser “café pequeno” diante de outros aspectos. Em todo o intenso debate que cerca o Enem, nenhum ponto tem sido tão explorado quanto a promessa de mobilidade estudantil e, principalmente, a necessidade de assistência aos jovens que decidirem deixar a cidade natal para estudar em outro estado.

Já que, a partir de agora, será possível concorrer a vagas em universidades de todo o Brasil com apenas uma prova, a tendência é que o fluxo migratório de estudantes dê um grande salto. E já há sinais disso: estudo

preliminar realizado na primeira edição do SiSU mostrou que, até a terceira etapa de inscrições, mais de oito mil, dos 33 mil alunos matriculados, optaram por fazer a graduação fora do estado de origem, o que representa uma taxa de mobilidade de 25%. Antes do SiSU, o percentual era de aproximadamente 1%, segundo o relatório.

Diante do fenômeno, profecias alarmantes sobre a dominação das vagas das regiões Norte e Nordeste por estudantes do Sul e Sudeste começaram a vir à tona. Aluna do 3º ano da Escola de Ensino Fundamental e Médio Deputado Manuel Rodrigues, no bairro Vicente Pinzon, a jovem Renata Moreira foi uma das que desanimaram com essa perspectiva: “eu acho que tem esse risco, de muito aluno daqui perder vaga para gente dos estados mais desenvolvidos, que têm um ensino melhor”, avaliou.

Mas, apesar do medo, o relatório parcial do MEC sugere que não há qualquer relação de dominação de vagas pelos estados mais ricos, em detrimento dos mais pobres do País. Até a terceira etapa do SiSU, o Rio Grande do Sul, por exemplo – uma das unidades da federação com maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e Produto Interno Bruto (PIB) –, “importou” de outros estados um total de 29,3% dos alunos matriculados pelo Sistema. O mesmo aconteceu com Minas Gerais, estado com o 3º maior PIB do Brasil. Lá, 33% dos matriculados chegaram de outras regiões.

Em contrapartida, estados como Bahia e Pará, menos desenvolvidos que os citados acima, receberam apenas 8% de



Nas escolas particulares, alunos tiveram exercícios e provas adaptadas ao "estilo Enem" e incluíram a leitura de jornais e revistas em seu programa diário de estudos

Muda o comportamento

Conforme UP adiantou na edição de maio de 2009, o fim do vestibular tradicional e a consolidação do Enem causam uma verdadeira revolução na rotina das escolas, nas metodologias de ensino, nos materiais didáticos e, até mesmo, no comportamento dos pais.

"Olha, eu tô angustiada! Antes, eu sabia que, quando terminasse o Ensino Fundamental, meu filho iria para um colégio que tem foco no vestibular. E agora, que mudou tudo? O que eu faço? Acho que preciso colocá-lo numa escola que ensine a pensar". A avaliação, um tanto confusa, é da analista em Tecnologia da Informação da UFC e mãe de um garoto recém-ingresso no Ensino Médio da rede particular, Emília Crispim.

Mãe coruja assumida, ela até colecionava provas antigas do vestibular para o filho. Agora, está decidida: vai priorizar escolas menos especializadas em "bizus", macetes e conteúdos excessivos. "A gente já tava acostumada com aquela fórmula, né? Agora, o jeito é tentar ficar tranquilo e procurar colégios que ensinem normalmente, sem aquela neura de vestibular", aconselhou.

As mudanças no cotidiano das aulas e dos estudos já começaram. No setor pré-vestibular de um tradicional colégio particular de Fortaleza,

os professores decidiram aumentar a dose de textos nas aulas e provas. As famosas apostilas de apoio também tiveram o conteúdo reformulado: agora, só trazem questões "estilo Enem". Em casa, a rotina de estudos também mudou: a leitura de jornais e revistas passou a ser tarefa obrigatória dos pré-universitários.

Na rede pública, as mudanças também vêm sendo postas em prática há bastante tempo. "Estamos fortalecendo o que já vinha sendo feito. Nenhuma matéria é repassada de forma deslocada da realidade, da vida prática", disse o diretor do colégio César Cals, Eliseu Paiva Rodrigues.

A interdisciplinaridade agora é regra: o professor de Física, Jandir Sampaio, chega a combinar com os professores das disciplinas de Química e Biologia o tipo de conteúdo que será apresentado naquela semana ou mês, para que os estudantes aprendam os assuntos de maneira integrada.

O preparo da rede pública se dá, em partes, por causa de iniciativas como o Projeto Primeiro Aprender, do Governo do Estado, uma ação voltada para o 1º ano do Ensino Médio que propõe a articulação das diversas disciplinas através de material didático especial para aluno e professor, com vistas ao desenvolvimento e consolidação de habilidades de leitura.

Outro programa que tem incentivado um novo modelo de ensino-aprendizagem nas escolas públicas é o Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (Spaee), também do Governo do Estado. Um dos objetivos é avaliar as competências dos alunos nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática – justamente as de maior destaque no Enem.

Assim, por todos os lados, intensifica-se a preparação rumo ao novo modelo de seleção da UFC, que espera ampliar a quantidade de matrículas de estudantes de escola pública. Embora alguns acreditem que será ainda maior o abismo que separa a

ELES TERÃO MAIS CHANCES?

Assim como UP mostrou em maio de 2009, há diferentes entendimentos sobre a suposta democratização das vagas em universidades públicas, após a inserção do Enem no processo seletivo. O tempo passou, a decisão foi tomada na UFC e, pelo visto, a discrepância entre integrantes das redes particular e pública de ensino continuam as mesmas:

"O Enem vai mudar o modelo conteudista do Ensino Médio, o que é bom. O que não vai acontecer é a democratização do Ensino Superior. A escola pública não está preparada para aplicar os conteúdos à realidade. Os professores mal têm formação para apreender o conteúdo, quanto mais sua aplicabilidade. Além disso, o acesso à revista no Brasil é muito caro. Vai continuar havendo segregação, que deverá ser ainda maior".

(Michel Arthaud Júnior, diretor do cursinho particular de específicas BFQ)

"Não há tanta distância entre a escola pública e a particular quando o assunto é Enem. Para mim, o Exame muda essa situação para melhor. Nosso rendimento no Enem sempre foi bom. Conheço vários estudantes que estavam desestimulados com o vestibular tradicional, que já tinham perdido as esperanças de entrar na Universidade, e que agora voltaram a planejar um curso superior".

(Tanara Rodrigues, ex-aluna da Escola de Ensino Fundamental e Médio César Cals)

Alunos de escola pública demonstram otimismo e mais esperança de ingressar na universidade a partir do Enem. Coordenadores dizem que a interdisciplinaridade já fazia parte do planejamento das aulas



FOTO: ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DO MEC



Reitores de várias instituições públicas de ensino superior se reuniram com equipe do MEC e o ministro Fernando Haddad, em 23 de março, em Brasília. Em pauta, a avaliação da primeira edição do SiSU e correções de rumos necessárias ao Sistema

rede particular da estadual, o Reitor da UFC argumenta: “o aluno da escola pública agora tem mais chances de ingressar no Ensino Superior. Ele terá até três opções de curso para escolher, em diferentes instituições”.

Mas não custa nada ter cautela. Conforme UP publicou em maio de 2009, o coordenador da linha de pesquisa em Avaliação Educacional do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC, Prof. Cláudio Marques, alerta: “não devemos esperar nenhuma mudança brusca no acesso de alunos da escola pública nas universidades. A médio e longo prazo, aí sim, as chances deles aumentam”, esclareceu.



Não se esqueça dos prazos

- A prova do Enem já tem data marcada: 6 e 7 de novembro deste ano.
- O resultado está previsto para 6 de janeiro de 2011.



Segurança

- A segurança do processo seletivo e o sigilo das provas serão prioridades do MEC.
- Por isso, para a confecção das provas, será contratada empresa de segurança máxima.
- A distribuição será feita pelos Correios.
- Nenhum teste será transportado aos locais de prova sem escolta da Polícia Militar.



Como funciona

- O SiSU é um sistema informatizado, gerenciado pelo MEC, por meio do qual as universidades selecionam novos estudantes a partir da nota obtida no Enem.
- Até o fim de março, 51 instituições de ensino superior aderiram ao Sistema, inclusive a UFC.
- Depois de receber a nota do Exame, o aluno acessa o site do SiSU para conferir as vagas disponíveis e as instituições participantes, de Norte a Sul do País.
- Todo curso tem uma “nota de corte”, que é a pontuação mínima exigida ao candidato.
- Caso a nota do estudante no Enem seja igual ou maior que a “nota de corte” do curso desejado, ele tem chances de conquistar uma das vagas.
- O candidato poderá tentar se inscrever em até duas ou três opções de curso (a definir). Caso não consiga ser aprovado na primeira, o Sistema faz a tentativa para a segunda opção e, assim, sucessivamente.
- Uma vez aprovado, o aluno confirma, via SiSU, o interesse pela vaga. Só depois, ele terá de comparecer pessoalmente à instituição, para realizar a matrícula.
- As vagas remanescentes serão preenchidas por meio de uma lista de espera automaticamente criada após o fim do prazo inicial de matrícula.



Saiba mais: www.mec.gov.br ou www.sisu.mec.gov.br

Para gostar de ler

No curso de Biblioteconomia da UFC, o ato de ler virou objeto de estudo. Para entrar nesse “clube”, o importante é gostar de leitura, na teoria e na prática

Para alguns, lazer é viajar, conhecer pessoas novas, viver aventuras e experiências diferentes. Para outros, é possível relaxar e, ao mesmo tempo, fazer tudo isso, apenas através da boa e velha literatura. Uma professora e seus alunos do curso de Biblioteconomia uniram-se, no ano passado, por uma nobre afinidade. O amor aos livros e às boas histórias deu início ao Clube da Leitura, projeto de extensão com um tom lúdico e de aprendizado.

“Montar um projeto sobre literatura era uma vontade que eu já tinha. Enquanto ministrava a disciplina de Teoria e Prática da Leitura para a turma que hoje faz parte do Clube da Leitura, surgiu a oportunidade. Os alunos estavam motivados e fomos em frente”, conta a Prof^a Fátima Araripe, coordenadora do grupo. Para reforçar a ideia de uma atividade prazerosa e de lazer, os encontros são realizados aos sábados em diferentes locais públicos.

No primeiro encontro, o tema foi o amor em suas diversas vertentes e Shakespeare, o convidado de honra da estreia. Depois desse, foram trabalhadas as figuras femininas na obra de José de Alencar, o fenômeno dos *best sellers*, o Nordeste e a obra de Érico Veríssimo. Embora a coordenadora também sugira leituras, os participantes têm total liberdade. Leem os livros de sua preferência e, nos encontros, apresentam o autor, falam um pouco sobre a obra escolhida e seus personagens.

“A gente lê e discute depois o que leu, além de conhecer e entender outros pontos de vista. No clube, comecei a ler outros tipos de escrita, até as

que eu não tinha afinidade”, comenta Vanessa de Oliveira, estudante de Biblioteconomia e bolsista do projeto. Além dela e de outros colegas, todos colaboradores voluntários, os encontros do clube têm atraído mais gente. No que abordou o tema *best sellers*, cerca de 60 pessoas compareceram à Praça Verde do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, tendo contado, inclusive, com cobertura do programa UFC TV.

Os primeiros “filhotes” do projeto começam a surgir. Grupos semelhantes estão sendo implantados em uma escola no bairro Conjunto Ceará e em uma comunidade do município de Fortim. A Prof^a Fátima Araripe antecipa que outro plano para o futuro é a criação de um projeto de pesquisa pautado nas atividades desenvolvidas pelo grupo.

Embora os membros do Clube admitam todos serem leitores vorazes, não é preciso ser “rato de biblioteca” para participar das reuniões. Basta ter a mente aberta e vontade de conhecer algo novo, embora a vontade deva estar em primeiro lugar, explica Fátima. Citando o romancista francês Daniel Pennac, ela completa: “Ler é um verbo que não suporta imperativo. É como amar, viver, sonhar”.

O que vem por aí

Para 2010, o Clube da Leitura promete dinamizar os encontros e divulgá-los para um público ainda maior, missão que será cumprida via cartazes, internet e boca a boca. Indagados sobre o que gostariam de ver sendo discutido nos encontros futuros, os participantes propõem uma sala-

da de influências. “Gostaria muito de ver abordado aqui um tema que me atrai muito, que são os autores cearenses. Li ‘Os Verdes Abutres da Colina’, de José Alcides Pinto, ‘A Casa’, de Natércia Campos, e achei muito bons”, sugere a estudante Cristiane Souza. Já sua colega Denise Braga preferia trabalhar outras linguagens: “Como gosto de quadrinhos, gostaria de estudar essa arte, usando obras de quadrinistas americanos e também japoneses”, aponta.

Evdander Pires, ex-bolsista e hoje participante ativo do projeto, afirma que, além do conhecimento acumulado, a experiência no Clube da Leitura rendeu um incremento na vida acadêmica. “Foi inestimável, pois cresci como pessoa e profissional, além de ter melhorado o desempenho nas outras disciplinas. Pude vivenciar a certeza de que a Universidade não é só sala de aula”, finaliza. A companheira de curso e nova bolsista do projeto, Vanessa de Oliveira, é pura expectativa. “Quero aprender muita coisa, ajudar outras pessoas que estejam entrando no clube agora, fazer amigos e conhecer novos livros”.

A própria coordenadora também tem sua sugestão: um pouco da literatura dramática ou do universo urbano. “Mas não podemos perder o foco. Meu grande desejo é que, a cada novo encontro, alguma coisa se modifique no ser de cada um”, define.

SERVIÇO

Clube da Leitura
Coordenação: Prof^a Fátima Araripe
Telefones: (85) 3366.7700
ou 3366.7699
www.clubedaleitura.blogspot.com
clubedaleituraufc@gmail.com

Mar revolto

Em meio ao debate essencialmente político que se tornou a possível instalação do estaleiro Promar Ceará na Praia do Titanzinho, Universidade Pública convidou pesquisadores da UFC para avaliar o empreendimento

Os governos municipal e estadual divergem. No lugar da discussão técnica, imagens de computador que não conseguem sustentar os argumentos de quem é contra ou a favor da instalação de um empreendimento que pode modificar, de uma vez por todas, a paisagem e a rotina de uma comunidade que viu prosperar surfistas de renome internacional. A praia do Titanzinho, no Serviluz, é a bola da vez no cenário político local. É lá que o Governo do Estado do Ceará e as empresas STX Europe e PJMR pretendem construir o estaleiro Promar Ceará, vencedor de concorrência realizada pela Transpetro, subsidiária de transportes da Petrobras, para a construção de oito navios gaseiros.

Em visita à Universidade Federal do Ceará, no início de março, Waldemiro Arantes Filho, Presidente da STX Brazil Offshore S.A, citou os motivos que fazem as empresas preferirem o estaleiro no entorno do Porto do Mucuripe: garantia de incentivos fiscais pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene); distância entre o Estado do Ceará e a Europa e os Estados Unidos, o que barateia custos de logística; possibilidade de aproveitamento da mão-de-obra da comunidade do

Titanzinho, que passaria por cursos de aperfeiçoamento e qualificação; e a proximidade do empreendimento a uma região portuária, com facilidade de acesso ferroviário e rodoviário.

Entre os pontos a favor, segundo os acionistas, a geração de 1.200 empregos diretos, ao custo total de construção no valor de R\$ 110 milhões. Para amenizar possíveis impactos ambientais, está prometida uma ampla área verde entre o estaleiro e a comunidade do Titanzinho, que abriga cerca de 40 mil moradores.

Diante de tamanha intervenção, o professor José Sales, do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC e vice-presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil no Ceará (IAB-CE), acredita que toda a população de Fortaleza e sua região metropolitana será impactada com o estaleiro no Titanzinho. “É uma questão urbanística. Temos uma cidade, com 2,5 milhões de habitantes, com diretrizes de ordenamento e estruturação. E uma das principais diretrizes, adquirida em vários anos de discussão, debates e fóruns, é a de que a orla marítima teria de ser requalificada porque é um dos potenciais ativos ambientais da cidade”, diz.

Ele se refere, entre outros instru-

mentos, ao Plano Diretor Participativo de Fortaleza (PDPFor), de 2008, ao Plano Estratégico de Fortaleza e sua Região Metropolitana (PLANEFOR), de 2000, e à revisão da Legislação Urbanística do Município de Fortaleza (Projeto Legfor), de 2003. “Por essa diretriz, pensa-se até hoje em fazer o terminal marítimo de Fortaleza e requalificar o entorno portuário do Mucuripe para desenvolvimento urbano, imobiliário e turístico da cidade”, esclarece. Segundo o professor, outra diretriz, acordada para Fortaleza, a reconhece como uma metrópole de comércio e serviços, com destaque especial para o turismo. “Então, não tem sentido nós instalarmos parques industriais na orla marítima.”

Para Sales, o indicativo de que não é viável instalar um estaleiro no Titanzinho reverbera em conclusões feitas há mais de 15 anos, quando foi iniciada a estruturação do Complexo Industrial e Portuário do Pecém, no litoral oeste do Estado. Segundo o professor, todos os empreendimentos industriais de desenvolvimento estratégico no Ceará, caso da siderúrgica, da refinaria ou de um estaleiro, foram pensados para se instalarem naquele município, a exemplo do que ocorreu com o Complexo Industrial Portuário de Suape, em Pernambuco, distante cerca de 50 quilômetros de Recife. “É para onde devem ser deslocados grandes empreendimentos conturbadores do equilíbrio urbano.”

O professor Jeovah Meireles, do Departamento de Geografia da UFC, conhece bem a Praia do Titanzinho. Nos anos 1990, realizou por lá estudos sobre a dinâmica dos sedimentos ao longo da faixa de praia que, sob ação do vento, acumulavam-se diante das casas e ruas do Serviluz. Ele também não acredita que a construção do estaleiro seja fundamental para a comunidade do Titanzinho. “Trata-se de um território extremamente complexo e incompatível com um equipamento industrial que poderá incrementar danos ambientais, potencializar a exclusão social e atrair outras indústrias poluentes”,



Jeovah Meireles: área do Titanzinho é “incompatível” com o empreendimento industrial



Pedro Carneiro: construção do estaleiro vai destruir flora marinha instalada ali

diz. Em vez disso, o bairro do Serviluz deveria passar por uma reestruturação urbanística que vislumbre a sustentabilidade socioambiental, como previsto no Projeto de Gestão Integrada da Orla Marítima (Projeto Orla) e pelo PDPFor, através do reconhecimento de Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) e de Interesse Ambiental (ZIA).

Para Jeovah, esses instrumentos de gestão urbana apontam para a inserção econômica da comunidade do Titanzinho em programas vinculados a cooperativas sociais, economia solidária e regularização fundiária, e não recebendo empreendimentos pesados, caso do estaleiro Promar Ceará. “É uma área que deverá ser incorporada em projetos paisagísticos incluídos e afirmativos, de revitalização dos sistemas ambientais que incluem as dunas do Morro Santa Terezinha e demais equipamentos históricos, como o Farol do Mucuripe, edificação de 1840.”

A opinião é compartilhada por José Sales, ao insistir que o Titanzi-

nho, por ser um trecho de conexão de dois destinos estratégicos da capital – a Avenida Beira-Mar, onde está a rede hoteleira, e a Praia do Futuro, onde existem os melhores equipamentos de serviços e fruição do mar – deve receber outro tipo de investimento. “O indicativo é que essas situações se unam, que o Titanzinho seja para a requalificação da cidade, do turismo, para melhoria da habitação e para inserção social”, justifica.

Sobre o argumento de que a construção do estaleiro na Praia do Titanzinho seria mais econômica do que em outra área do Estado, Sales enfatiza que a questão “não é problema de custos, mas de diretriz. Ele lembra que, há mais de 50 anos, diversas cidades no mundo vêm requalificando suas áreas de porto para outro fim. No Brasil, a cidade de Belém abriga a Estação das Docas, e o Rio de Janeiro já iniciou projetos de requalificação da região portuária de Mauá no centro da cidade. No mundo, a referência é o Parque das Nações, em Lisboa. “Era uma área de lixo, de depósito



Carlos Schettini: Praia mantém infraestrutura que pode ser aproveitada para estaleiro



Prof. José Sales: construção do estaleiro no Titanzinho não é viável. Orla deveria ser requalificada

petroquímico, e hoje é o maior empreendimento da península ibérica, destinado a desenvolvimento urbano, imobiliário e turístico”, enfatiza.

Já o professor Carlos Augusto Schettini, do Instituto de Ciências do Mar (Labomar) da UFC, mostra-se favorável à instalação do estaleiro na Praia do Titanzinho. Segundo ele, o entorno do Porto do Mucuripe já mantém uma “pré-infraestrutura instalada, que seria adaptada a esse empreendimento”. Mesmo afirmando que um estaleiro tem capacidade de gerar inovação tecnológica se estiver associado à universidade, ele reconhece que as questões ambientais relativas ao empreendimento precisam ser revistas. “Não tem como se comparar a dinâmica ali, de pelo menos 15 anos atrás, com a atual. Mudou a legislação ambiental também. Os estudos e relatórios de impacto ambiental (EIA/RIMA) de 15 anos atrás, por exemplo, hoje não cumpririam as demandas dos órgãos ambientais atuais”, explica. Além disso, esse tipo de documento é feito para um determinado fim, o que invalida o estudo elaborado quando se cogitou a ampliação do Porto do Mucuripe na década de 1990.

Outro argumento a favor encon-

trado por Schettini para a instalação do estaleiro no Titanzinho seria a falta de implicações na logística viária do trânsito da cidade. “Estar ao lado do Porto torna esse estaleiro mais competitivo em relação a outros. É um fator de logística a ser considerado. O que faz muito diferença é que a matéria-prima chegaria ao Porto do Mucuripe, atravessaria 200 metros e estaria no estaleiro.” José Sales discorda. “É preciso pensar nos impactos construtivos que o empreendimento pode causar na cidade, como, por exemplo, a construção de novas vias de acesso ao local. As ruas do Titanzinho são bem estreitas. Como as pessoas chegam e saem de lá?”, questiona.

Apesar de se localizar numa área industrial, o ambiente marinho da Praia do Titanzinho possui rica diversidade de algas, segundo estudo feito, em 1998, por pesquisadoras ligadas ao Labomar. O banco de algas do Farol do Mucuripe, do qual faz parte a Praia do Titanzinho, abriga o maior número de espécies no litoral de Fortaleza: 180 no total. Cerca de 20 delas são encontradas apenas ali em todo o Ceará.

Naquela área, segundo Pedro Bastos Carneiro, biólogo do Labomar, existem algas encontradas, inclusive,

somente nas regiões Sul e Sudeste do Brasil e no Caribe. Embora não haja estudos que comprovem, provavelmente elas vieram transportadas em navios que cruzam o litoral brasileiro. “A construção do estaleiro vai destruir a flora existente ali. Existem formas de mitigar, transferi-las de local? Sim, mas com certeza perderemos espécies. Nada garante que elas consigam sobreviver em outro ambiente e nada garante que seja uma prática adequada”, assegura Bastos.

Ele também explica que, dentro do contexto ecológico do ecossistema, as algas têm influência na atividade de pesca. Segundo Pedro, estudos mostram que a lagosta, em determinada fase de seu ciclo, passa por um banco de algas que, se destruído, pode afetar o desenvolvimento do crustáceo. “Já há poucas lagostas no Ceará, mas não só porque estão pescando muitas; está sendo destruído o banco de algas do nosso litoral. O problema tem que ser visto globalmente, não apenas aquele pontinho do litoral em que pode ser construído o estaleiro.”

Apesar de levantar argumentos contrários ao estaleiro no Titanzinho, José Sales esclarece que não é contra o desenvolvimento industrial do Estado. “É bem-vindo o estaleiro Promar. As transformações do nosso Estado, nos últimos 24 anos, se deram a partir da indução de desenvolvimento industrial. Entretanto, temos de ter roteiro mais aprimorado de inserção desse equipamento, porque há custos econômicos e sociais e, em algum momento, eles vão ser repassados para a sociedade”, conclui.

Durante a mesma visita dos diretores do virtual estaleiro Promar Ceará à UFC, o Reitor Jesualdo Farias explicou que a Universidade não possui opinião institucionalizada sobre a localização da construção do estaleiro. “Esta decisão compete, em comum acordo, aos técnicos da Prefeitura de Fortaleza e do Governo do Estado do Ceará”, acredita. O reitor deixou claro que a parceria técnica entre o empreendimento e a UFC é bem-vinda. ♻️

Construindo a acessibilidade

Nesta edição, UP volta a abordar a formulação do Plano de Acessibilidade da UFC, iniciativa inédita da Administração Superior que pretende melhorar a qualidade de vida de pessoas com deficiência no ambiente universitário

Máquina fotográfica em uma mão, prancheta e relatório na outra, olhos atentos a cada detalhe da calçada, da faixa de pedestres, dos estacionamento. Há cerca de dois meses, tem sido assim a rotina de três estudantes de Arquitetura e Urbanismo da UFC, incorporados à Comissão Especial de Educação Inclusiva (CEIn) para traçar um diagnóstico das condições de acessibilidade física no Campus do Benfica, em Fortaleza.

O objetivo? Verificar o tipo de dificuldade que pessoas com deficiência enfrentam para chegar à Universidade. Há rampas suficientes? As calçadas estão em bom estado de conservação? Há sinalização para cegos? São perguntas que, aos poucos, o grupo de alunos-bolsistas coordenados pela Profª Zilsa Santiago, do Departamento de Arquitetura da UFC, estão ajudando a CEIn a responder.

“Até agora, observamos que os avanços são incompletos. Há prédios novos que já possuem elevadores e banheiros acessíveis, por exemplo. Mas, principalmente nas edificações mais antigas, verificamos pontos críticos”, avaliou a Profª Zilsa, uma das integrantes da Comissão.

Dentre os motivos que levam à situação, a especialista citou a pouca idade da lei que obriga adaptações do espaço físico de instituições públicas para pessoas com deficiência. Segundo a Profª Zilsa, o assunto só ganhou força a partir de 2004, com o decreto federal nº 5.296. “Como muitos dos prédios da UFC foram construídos há bem mais tempo,

por volta da década de 1970, há várias áreas sem preparação para receber aquele público”, afirmou.

Além do Centro de Humanidades, também terão sido avaliados até o fim de abril o espaço da Reitoria e de seus Anexos, da Faculdade de Economia, Administração, Atuárias, Contabilidade e Secretariado (FEAAC) e do quartirão que engloba o curso de Arquitetura, a Rádio e a Imprensa da UFC.

O Restaurante Universitário situado no Campus do Pici e o refeitório do Campus do Benfica também foram vistoriados e fotografados, mas pela estudante do 7º semestre do curso de Pedagogia Kátia Soares Maciel. Apesar das adaptações em banheiros, a aluna verificou problemas como a altura dos balcões onde ficam as bandejas e alimentos e as cadeiras fixas para refeição, o que dificulta o acesso de quem precisa se locomover com cadeira de rodas.

Os resultados desses estudos auxiliarão a Comissão de Educação Inclusiva a finalizar o Plano de Acessibilidade da UFC, documento que reunirá uma série de propostas que visam melhorar a qualidade de vida das pessoas com deficiência frequentadoras da Instituição.

Esta é a primeira vez em que a Universidade se reúne para pensar políticas permanentes de inclusão, que deverão ser institucionalizadas e aplicadas daqui para frente. Antes disso, iniciativas pontuais, – mas não menos importantes e eficazes –, como o programa UFC Incluir, eram realizadas para promover avanços nesse setor.

Acesso também à informação

Para quem pensa que as únicas barreiras da acessibilidade são as físicas, a CEIn lembra que o acesso à informação será um dos principais alvos do Plano. Afinal, todo estudante, mesmo os que não conseguem ler por causa da cegueira, precisa dispor de livros, sites, apostilas e todos os instrumentos necessários à formação acadêmica.

Pensando nisso, o Sistema de Bibliotecas da UFC criou, em 2009, antes mesmo da inauguração da CEIn, sua própria Comissão de Acessibilidade. Segundo uma das integrantes, a servidora técnico-administrativa Clemilda dos Santos, o grupo está na fase de elaboração de um projeto piloto de digitalização do acervo. “Estamos levantando a demanda por informações de pessoas cegas. Que tipo de literatura precisam? Qual o momento de maior necessidade: a sala de aula ou a monografia? A longo prazo, o objetivo é criar um serviço permanente para esse tipo de atendimento”, previu.

De acordo com Clemilda, vários livros do Sistema de Bibliotecas já estão sendo digitalizados. Entretanto, lamentou a servidora, nenhuma das bibliotecas da Instituição possui softwares conhecidos como “leitores de tela”, que descrevem para pessoas cegas o conteúdo de livros e outros documentos. A instalação desse tipo de programa será proposta no Plano de Acessibilidade. ♻️

Programa de Verão

Em plenos meses de férias, o Departamento de Matemática da UFC oferece cursos para quem quer aperfeiçoar o raciocínio e a resolução de problemas e não se importa em trocar as praias pela sala de aula

por Cristiane Pimentel

Mal chegou o verão e sombra e água fresca não saem da cabeça. Uma praiazinha pra relaxar, férias, bronzado, banho de mar, Matemática, um sorvetezinho, banho de piscina...ops! Espera aí, Matemática? É, se você pensou que verão, cálculos e fórmulas eram como água e óleo, enganou-se. A estação do calor e de uma folguinha é época de muito estudo e pesquisa no Departamento de Matemática da UFC, com a realização da Escola de Verão.

Promovida desde 1966, entre os meses de dezembro e janeiro de cada ano, a Escola de Verão é uma atividade regular do Programa de Pós-Graduação em Matemática da UFC. Uma das

pioneiras no País, ela engloba atividades de ensino, pesquisa e extensão, além de atuar como seleção para os cursos de mestrado e doutorado. “Os alunos que pleiteiam a entrada na pós-graduação em Matemática são selecionados inicialmente para fazer parte da Escola. Esses candidatos fazem os cursos, que são normais, só que com maior intensidade, com aulas praticamente todos os dias. Ao desenvolver das aulas, eles são avaliados e o desempenho desse aluno é que nos permite selecionar para o mestrado e doutorado”, explica o coordenador da pós-graduação em Matemática, Jorge Lira.

Com duração de dois meses, os cursos da Escola de Verão abrangem desde os níveis de graduação a doutorado. Os cursos definidos como de nivelamento são em disciplinas como Cálculo Avançado, Álgebra Linear, Análise Real e Análise Funcional. Como atividades de extensão são ofertados ainda cursos de Cálculo, com público alvo de estudantes e professores de nível médio e superior. Além disso, a iniciativa apresenta-se como momento de desenvolvimento de pesquisas, através do estabelecimento de parcerias com pesquisadores convidados de renome nacional e internacional.

Em 2010, a Escola de Verão recebeu 461 inscrições de interessados em mergulhar nas indagações do mundo matemático. Ademais dos cursos, este ano foi promovida a edição de verão do Programa de Aperfeiçoamento de Professores de Matemática do Ensino Médio (PAPMEM), que realizou atividades de videoconferências com Elon Lages Lima, pesquisador do Instituto Nacional de Matemática

Pura e Aplicada, e ainda, a resolução de exercícios e atividades de técnicas de raciocínio matemático. Dentro da programação foi também executado o III Workshop de Análise Geométrica, que reuniu pesquisadores brasileiros e estrangeiros e estudantes de pós-graduação em ciclos de conferências sobre Análise Geométrica.

Com um corpo docente de 15 professores, a Escola de Verão chega a ficar com o dobro do número de pesquisadores durante a sua realização, devido ao seu respaldo atrativo de estudiosos. Este ano, foram ministrados quatro cursos de dois meses e três mini-cursos adicionais, de nível avançado. Nesses estudos de menor duração, os alunos puderam assistir a palestras de professores colaboradores e trabalhar a produção de artigos científicos. “São minicursos de formação, mas também de investigação. Eles aprendem conteúdos essenciais da Matemática e vislumbram novos problemas, novas direções de pesquisa. A partir daí, são produzidos artigos, capítulos de livros, se iniciam trabalhos de tese, dissertação de mestrado, muitos desses professores acabam participando de bancas de qualificação, bancas de conclusão, ou seja, tem esse aspecto que é dos cursos voltados para a formação pós-graduada e para pesquisa”, detalha Jorge. Como produção científica resultante desses trabalhos, cerca de 10 projetos de pesquisa foram iniciados na Escola, no início de 2010.

Lapidando Talentos

Repetir uma série na escola é tido pela sociedade como atestado de fracasso. Pior ainda se essa for uma das séries do Ensino Fundamental. Aí, então, não há perdão. Entretanto, rever os assuntos da quinta série fundamental, por mais um ano hoje representa apenas um mero detalhe para

a trajetória meteórica de sucesso de Marcelo Melo, professor recém-contratado pelo Departamento de Matemática e ex-aluno da Escola de Verão.

Em apenas três anos, Marcelo concluiu sua graduação em Matemática pela Universidade Federal do Ceará. Ainda concludente, fez o curso da Escola de Verão, estimulado por seus professores. Em 2003, no mesmo ano que se graduou, ingressou no Programa de Pós-Graduação, no curso de mestrado. Recém-saído do mestrado, estudou na Escola de Verão pela segunda vez e ingressou no doutorado, em 2005, quando passou a ministrar aulas como professor substituto, na UFC. Ao fim do doutorado, prestou concurso para a Universidade Federal do Piauí, sendo aprovado. Em dezembro de 2009, estaria de volta à UFC, como professor adjunto. “Foi acontecendo (ser professor). No Ensino Médio já gostava de Ciências Exatas, Matemática, Física e, pensando nisso, fiz a graduação em Matemática. Não tinha nenhuma orientação, estudava por gosto mesmo. Não sabia o que ia dar, com o tempo fui aprendendo”, conta Marcelo.

Segundo o docente, depois de uma trajetória de desestímulos nos estudos em escola pública, quando uma professora de Matemática, na oitava série, o repreendeu por ter encontrado uma maneira diferente de resolver um problema, ele encontrou na Escola de Matemática o impulso para decidir pela carreira acadêmica. “A Escola de Verão me incentivou a estudar mais. Vinha com um ritmo de estudo e chegando aqui vi que havia necessidade de estudar ainda mais, vendo a perspectiva de uma profissão para mim”, afirma.

E como se fosse combinado talvez não desse certo, Marcelo hoje divide a sala que ocupa na UFC com seu irmão mais velho, Marcos Melo. Rosto, fala, jeito de se expressar, até a rápida trajetória acadêmica, com a diferen-

ça de uma quinta série, são similares, mas o amor pela Matemática, esse sim, é idêntico. Marcos, também ex-aluno da Escola de Verão, afirma ter encontrado através dos estudos da Escola a maturidade matemática necessária para seguir na profissão. “É um curso de nivelamento mesmo, ele já prepara para entrar no mestrado e conseguir acompanhar o ritmo. Então a Escola tem esse objetivo de dar uma base matemática”, declara.

Da posição de aluno à de docente da disciplina “Análise Funcional”, da Escola de Verão, foi um intervalo de 12 anos para Eduardo Teixeira. Docente do Departamento de Matemática, Eduardo fez a primeira Escola ainda na graduação – o bacharelado em Matemática – isso depois de ter transitado pela Engenharia e Computação. “Fui vítima do meu próprio preconceito, não quis fazer vestibular para Matemática apesar de sempre ter tido claro que queria fazer área de exatas. Cursei Engenharia Elétrica e Computação e larguei ambos para cursar Matemática. A minha intenção era fazer carreira acadêmica. Depois de quase três anos de Engenharia decidi abandonar tudo e vir para a Matemática. A minha paixão foi mais forte e eu não me arrependo de jeito nenhum”, relata.

Verão passado, pela primeira vez Eduardo conduziria um curso na Escola e, para sua surpresa, seria exatamente aquele que havia frequentado anos atrás, em sua avaliação fundamental para seu êxito profissional. “Para mim foi marcante, pois acredito que estou na posição que estou devido a essa oportunidade de ter acesso a uma disciplina já mais avançada, que me dá um refinamento de pensamento lógico bem mais preciso, tão cedo. Jamais teria essa oportunidade se não fosse a Escola de Verão. E até hoje aquela disciplina ecoa na minha vida, pois utilizo a Análise Funcional nas minhas pesquisas. Diria que, para mim, foi fundamental”, comenta. 

Haja calor!

Contrariando as medições do mesmo período do ano passado, os três primeiros meses de 2010 espantaram os cearenses. Falta de chuva e vento, altas temperaturas e radiação solar máxima mexeram com os hábitos da população

por Simone Faustino

Apelar para o ventilador ou o ar-condicionado. Recorrer ao chapéu e à sombrinha para sair de casa. Roupa, só se for camiseta e bermuda. Por mais incrível que pareça, molhar a rede ou o lençol para dormir em um ambiente mais “fresco”. Cada cearense tem seus jeitinhos de driblar o calor, independente da idade ou classe social. O importante é aliviar a sensação de desconforto e proteger a saúde dos efeitos do sol.

Dona Raimunda Santos, 83 anos, vem sofrendo com a temperatura. Para suportar, só tomando uns três ou até quatro banhos diariamente, vestindo roupas bem leves. “Eu bebo muita água, adoro uma água geladinha. Também gosto de tomar sorvete quando o tempo está assim”, afirma a pensionista. Segundo a cuidadora da idosa, Jaqueline Calixto, a alimentação está mais cuidadosa agora. “Ela sempre gostou de tomar bastante café, mas agora eu procuro oferecer mais água, suco e frutas, principalmente melancia”, pondera.

Em casa, a rotina mudou e hábitos inusitados surgiram. Raimunda só gosta de dormir de rede, e ainda criou uma maneira mais confortável de não dormir no calor. “Antes de dormir, ela pede para estender a rede bem antes, para ‘esfriar’. Estendo, ligo o ar condicionado do quarto e deixo esfriando. Só depois ela vem se deitar”, diz Jaqueline. Mesmo saindo pouco de casa, Dona Raimunda só não esquece o leque, fiel

companheiro comprado por iniciativa própria. “Quando saio no sol, nem uso chapéu, nem sombrinha nem nada. Sou maranhense, minha filha, de Caxias do Maranhão. Não tenho medo de sol!”, afirma orgulhosa.

Luana Ribeiro, 22, estudante de Letras da Universidade Estadual do Ceará (Uece) conta com um verdadeiro “arsenal”, que ela carrega na bolsa sempre que sai: dois tipos de protetor solar (para o corpo e o rosto), garrafa d’água, sombrinha, chapéu e até muda de roupa. “Passo o dia na universidade e levo uma garrafa d’água, que reabasteço no bebedouro várias vezes. Como costume beber pouca água, ando com essa garrafa para me obrigar a beber a quantidade recomendada”, explica. Morena clara, Luana usa protetor solar fator 15 no corpo e 30 – livre de óleo – no rosto. “Estão usando muita roupa leve e regata, mas prefiro camisetas com mangas, para evitar aquelas marcas de alças. Gosto muito de usar sandálias rasteiras, mas passo protetor até no pé, porque não tem coisa mais feia que aquela marca de havaiana!”, diz, bem-humorada.

A universitária concorda que, nesta época, o desejo por alimentos gelados e refrescantes aumenta, mas reconhece que nem sempre faz a melhor opção. “Nessa época tenho até consumido mais sorvete, mas sei que seria mais saudável tomar suco ou água de coco”. Ela lamenta não poder tomar mais banhos, já que, com a rotina cor-

rida, terminam sendo só dois. “Acabo tomando só um quando saio e outro quando chego da rua”, afirma.

Interferência climática

Reclamações à parte, o clima quente do início de 2010 tem explicação e até um culpado: o fenômeno El Niño, e sua ação prolongada. De acordo com Zilurdes Lopes, meteorologista da Fundação Cearense de Meteorologia (Funceme), esse “menino” que deixa a temperatura da superfície do Oceano Pacífico Tropical mais elevada que o normal, é o responsável. “Em média, nos últimos dias, a temperatura está 3°C acima do normal. Nos meses de março e abril, o vento atinge a sua velocidade mínima em torno de 15km/h. Como estamos sob a influência do fenômeno, tende a aumentar a temperatura do ar, e também pela ausência de chuva, o calor se torna maior”, explica.

E por que as chuvas não deram sinal antes do último terço do mês de março? Segundo o Prof. José Carlos Parente, do Departamento de Física da Universidade Federal do Ceará, o Nordeste sofre interferência da Zona de Convergência Intertropical (ZCIT), área de nebulosidade que, na maior parte do tempo, fica estacionada no Oceano Atlântico, pouco acima do Equador. “Nesta época, há um aquecimento de ar do Atlântico Sul, próximo ao Sudeste, e as mas-



Luana Ribeiro só sai de casa depois de caprichar no protetor solar, cuidado redobrado pelo uso de sombrinha

Raimunda Santos, 83, intensificou os banhos e resfria a rede com ar condicionado. Ela tem no leque um fiel companheiro

sas de ar quente acabam subindo. A ZCIT fica mais fria, por sua vez, e se desloca para baixo. Quanto mais cedo a ZCIT descer, mais chuvas a gente tem. Só que, neste ano, isso está demorando muito a acontecer, por isso não estamos tendo um bom inverno”, justifica.

Zilurdes Lopes afirma que a Funceme trabalha com base em probabilidades, e que não há como afirmar quando se intensificarão as chuvas. Mas garante que a sensação de calor diminuirá assim que o período invernos for iniciado. “A previsão aponta para que a quadra chuvosa do Estado do Ceará fique com 45% de chuva na categoria abaixo da média histórica, 35% na categoria em torno da média histórica e 20% na categoria acima da média histórica”, antecipa.

Na última semana de fevereiro, muito se falou também em radiação solar. Fortaleza, no dia 24 daquele mês, encontrou-se entre as 15 capitais brasileiras nas quais os raios ultravioleta (UV) alcançaram radiação extrema. O índice alto é motivo de preocupação, mas não de neurose. “A camada de ozônio, que está mais ou menos a 23 km de altura, filtra os raios ultravioletas B (apenas 10% da emissão a ultrapassam) e C (é totalmente filtrado). Pelo ozônio e pela camada de nuvens passam principal-

mente raios UVA e infravermelho. O primeiro tem efeitos menos fortes, mas também queima, pois penetra profundamente na pele. Já o segundo provoca a sensação de ardor, por ser absorvido rapidamente pelas células superficiais”, esclarece o Prof. José Carlos Parente.

Cuidado nunca é demais

No Ambulatório de Dermatologia do Hospital Universitário Walter Cantídio, a demanda aumentou muito de janeiro a março. Thereza Prata, dermatologista e professora do Departamento de Medicina Clínica da UFC, atende três vezes por semana no local e afirma que, diariamente, pessoas procuram atendimento por causa de lesões relacionadas com o calor. Crianças, idosos e trabalhadores que se expõem ao sol em uniformes de tecido sintético são os casos mais comuns.

“Hoje mesmo atendi uma senhora idosa que, na região da barriga, pouco abaixo dos seios, estava com a pele toda vermelha, parecia uma queimadura. Essas lesões causadas pelo calor favorecem ainda a infecção por fungos e bactérias”, adverte. As recomendações para evitar problemas como esse são simples. “Recomen-

do evitar ambientes quentes e certos tipos de roupa. Também indico o uso de protetor solar, chapéu, sombrinha, roupas leves de algodão e, se possível, não circular em ambientes externos entre 9 e 15h. A higiene em geral deve ser redobrada nessa época”.

Com o calor insuportável, há quem tome quatro, cinco ou até seis banhos por dia. Thereza diz que a atitude é válida para refrescar, mas avisa que é melhor não usar sabonete em todos esses banhos. “O ensaboamento remove o manto lipídico, que é uma camada de gordura que proporciona a hidratação natural da pele. Quanto à água, o ideal é que seja fria”, diz.

No tocante aos líquidos e alimentos, vale a recomendação de beber pelo menos dois litros de água por dia e evitar alimentos que estraguem rápido no calor. “Nessa época, recomendei até quatro litros de água e outros líquidos por dia, para manter a hidratação. É melhor evitar molhos e saladas com maionese ou creme de leite, além de frutos do mar sem refrigeração ideal, pois a temperatura alta dá uma menor vida útil a esses alimentos”. Sobre as alternativas do início da matéria, a médica só não aprova molhar a rede ou o lençol para dormir. “Esse resfriamento demorado pode causar problemas respiratórios, como gripe”. ☺

Em busca de um novo cuidar

Projeto do Ministério da Saúde, a Universidade Aberta do SUS (UNA-SUS) vem compensando o déficit de formação e atualização profissional na saúde pública

Há tempos não se sentia bem. Como duas âncoras, que lhe firmavam a convicção de que muitos calendários haviam passado, as pernas sobrecarregavam. O andar, delicado, revelava a faceta enfermiça na lentidão dos passos. Como obstáculo a infligir seu caminhar, o diabetes lhe acompanhava há 20 anos. Rotina de uma pessoa idosa? Talvez. Mas naquele dia Maria Pereira, disposta a ter um tiquinho da firmeza em sua marcha igual àquela que a trouxera, há 40 anos, do sertão de Quixadá para a capital namoradeira do mar, foi ao posto de saúde em busca de tratamento médico.

Combina que a unidade à qual Maria foi consultar-se, o Centro de Saúde da Família Anastácio Magalhães, no Rodolfo Teófilo, é uma das contempladas por projetos conduzidos pela Universidade Federal do Ceará. Nesse local, além de Maria, os demais pacientes podem ver na prática alunos de residência, graduandos dos mais variados semestres e internos oriundos dos cursos de saúde da UFC; parcela do desenrolar das ações do Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (Pró-Saúde) e do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET Saúde).

Foco na atenção básica

Integrantes do fórum Porangabu-SUS, juntamente com o Telessaúde, Una-SUS e PET Saúde, o Pró-Saúde é uma iniciativa que visa, através de uma reorientação da graduação em

saúde, um novo perfil de profissional nas áreas de Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição, Odontologia, Psicologia, Serviço Social, Terapia Ocupacional, Biomedicina, Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia e Fonoaudiologia. A proposta, encabeçada pelo Ministério da Saúde e regida pelas secretarias municipais junto a cursos e faculdades, é promover uma inserção mais veemente desses estudantes na atenção básica (que constitui ações de prevenção, proteção e promoção da saúde), seja de forma teórica, com a discussão de práticas, ou efetiva, na presença física dos estudantes nas unidades de saúde. Lançado em 2005, o projeto desenvolve uma integração entre ensino-serviço, como parte das ações estratégicas do Governo Federal de inclusão social, voltando esforços para o atendimento primário, setor que corresponde à grande carência histórica do Sistema Único de Saúde (SUS).

Na UFC, o Pró-Saúde está configurado em três vertentes: o Pró-Saúde I Medicina, o Pró-Saúde I Enfermagem e o Pró-Saúde II, que abrange os cursos de Farmácia, Odontologia e Psicologia. Como explica a Prof^a Neile Torres, coordenadora do Pró-Saúde da Medicina, o Projeto visa proporcionar aos alunos novos ambientes de ensino-aprendizagem. “Antigamente a formação dos estudantes de Medicina se fazia no Hospital Universitário, quase que exclusivamente, mas, hoje, está muito clara a necessidade de se ter outros cenários. A atenção primária não se faz mais em hospitais, só se faz nas unidades bási-

cas de saúde, então como vai formar um médico sem ter treinamento na atenção básica? Não dá. Não se pode formar um médico somente no nível terciário”, afirma.

Nas estratégias de implementação, o Pró-Saúde atua nos eixos “Orientação Teórica”, que diz respeito às mudanças e discussões dos conceitos teóricos básicos dos cursos; “Cenários de Prática”, que trata da incorporação do aprendiz o mais próximo possível da realidade; assim como “Orientação Pedagógica”, que é organizar o curso de modo que possa satisfazer às necessidades do SUS. De fato, relegada a um segundo plano por muitos anos devido à atribuição equivocada como área de menor complexidade, a Atenção Básica constituiu-se, atualmente, como estrutura prioritária do SUS, devido à percepção de sua conectividade e impacto nos demais setores. Daí a vinculação de ações aos cursos de graduação, no sentido de uma melhoria dos serviços com profissionais adequadamente preparados.

“É engano pensar que são coisas mais simples. O médico que atender na atenção primária tem de ser muito bom para ver o que ele pode resolver e o que ele precisa encaminhar. Por exemplo, se você receber um paciente com dor de cabeça na unidade de saúde, pode não ser nada, como uma indisposição qualquer, uma gripe, mas pode ser uma doença mais séria, como um tumor cerebral. Então tudo pode chegar à atenção primária, tanto casos simples quanto complexos”, comenta Neile. Segundo ela, em consonância com esse ideal da nova concepção de primeiro atendimento, o currículo da graduação em Medicina da UFC vem sofrendo modificações desde 2001. “No nosso novo currículo a gente já colocou um período por semana, em todos os semestres, voltado para a atenção primária. É o módulo longitudinal de Assistência Básica à Saúde. Então há atividades desde o primeiro semestre até o oitavo, e a gente tem também o internato em Saúde Comunitária. A gente organizou o currículo de forma a desenvolver essas atividades na atenção primária”, destaca.

Como se dá na prática

Em suma, cada aluno dos cursos de saúde da UFC é contemplado pelo Pró-Saúde, uma vez que ele propicia o debate de estratégias de aproximação entre academia e serviço. Na prática, significa que um aluno de Medicina, por exemplo, que tem em sua formação módulos voltados para a atenção básica desde o primeiro até o oitavo semestre e ainda o internato, vivencia na graduação os efeitos dessa nova concepção de atenção básica, ao entrar em contato com discussões sobre esse campo em seu aprendizado. Além dos ensinamentos teóricos, esse estudante poderá absorver conhecimentos na realidade local, através do desenvolvimento de atividades – sob o acompanhamento docente e dos profissionais vinculados à Prefeitura de Fortaleza – nas unidades de saúde inseridas dentro da área coberta pela UFC, as Secretarias Executivas Regionais I, III e V. A divisão foi feita pelo Sistema Municipal de Saúde-Escola, entre as instituições de ensino superior com cursos de saúde.

Não somente os alunos fazem parte da presença da Universidade nas unidades de saúde. O Projeto também contempla a destinação de recursos para investimentos em materiais de consumo, material permanente e adequações físicas desses locais, visando propiciar condições adequadas ao ensino e atuação. “Estamos equipando sete salas de curativos nas unidades, o que era uma demanda. Na verdade, nesses ambientes era muito incômodo, o pessoal fazia curativos quase de cócoras. Aplicar na rede foi muito estimulante, pois acho que o pessoal viu pela primeira vez a Universidade investindo dentro da rede de forma bem impactante”, aponta Josefina da Silva, coordenadora do Pró-Saúde Enfermagem.

De acordo com Josefina, essa aproximação concreta de UFC com o serviço público de saúde, através de investimentos e melhorias, vem acarretando mais do que consolidação de parcerias, mas o estímulo à ca-

pacitação dos profissionais da rede, que num círculo virtuoso, resulta em um melhor aprendizado para os alunos de graduação. “A gente tem tido um retorno da presença dos enfermeiros dentro do curso. O pessoal agora está procurando participar dos projetos de pesquisa para fazer a seleção do mestrado e doutorado. Estamos também viabilizando a publicação de artigos de profissionais da rede, que têm uma dificuldade em publicar. Tem muita gente boa na rede escrevendo, o que falta é espaço e a gente vai ter isso agora, com o Pró-Saúde. Isso causou um impacto muito positivo, pois o pessoal se sente valorizado” explana.

No processo de discussão de um novo perfil profissional, o Pró-Saúde vem proporcionando ações como oficinas pedagógicas e debates, nas quais não somente teorias, mas benefícios em longo prazo podem resultar desse encontro de saberes entre rede e Universidade. Um exemplo disso é o “Guia Prático de Gestão de Risco”, publicação lançada no mês de fevereiro, fruto de uma oficina realizada pela parceria “Médicos Sem Fronteiras”, Pró-Saúde Enfermagem UFC e trabalhadores do serviço. O Guia, que será distribuído por todas as unidades de saúde da cidade, responde a uma demanda de realidade de violência contra os profissionais de saúde. “Isso foi uma coisa que teve uma repercussão extremamente favorável porque, até hoje, pouco se olhou para esse aspecto da violência. Você não tem como mudar isso de imediato, mas tem como aprender a conviver. A oficina contou com cerca de 70 participantes entre enfermeiros, médicos, dentistas, assistentes sociais, farmacêuticos, psicólogos e agentes de saúde, mas como produzimos 2.000 cópias, vai receber quem fez e quem não fez a oficina”, expõe Josefina.

PET-Saúde, Telessaúde e UNASUS

Como iniciativa de operacionalização do Pró-Saúde, foi desenvolvido, também pelo Ministério da Saúde,

o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET Saúde), que disponibiliza bolsas para estudantes atuantes na rede básica. A ideia é estimular a formação de grupos de aprendizagem tutorial em áreas estratégicas para o SUS. Em vigor na UFC desde 2009, o PET-Saúde engloba os cursos de Medicina, Odontologia, Farmácia, Enfermagem, Psicologia e Educação Física e é composto por 12 professores tutores, cada um com 30 alunos em sua chamada “árvore tutorial”. Esses alunos são distribuídos nas unidades básicas, num total de 24, onde realizam trabalhos de promoção e atenção à saúde e de gestão, sob o acompanhamento dos preceptores, profissionais da rede pública, sendo 60 integrando o projeto da Federal.

Uma verdadeira imersão na comunidade, a fim de estimular a percepção dos problemas de saúde de forma coletiva é o que propõe o PET. Nas atividades previstas, além do atendimento à população estão visitas, ações de educação em saúde – como palestras para grupos de gestantes ou hipertensos – e rodas de conversas, nas quais são discutidos os problemas locais. “Ao inserir o aluno na comunidade, primeiro, eles vão conhecendo o território onde vão atuar, conhecendo o trabalho que é desenvolvido pelos diversos profissionais, fazendo visitas junto com os agentes de saúde para observar o que há no entorno da unidade. A grande impressão de quando se vai fazer um trabalho como esse é que o aluno vai atuar clinicando, e não é. A grande riqueza do PET-Saúde é de mostrar para ele a realidade da população que ele vai atender, como é que ela vive. Isso sob a ótica da integração dos diferentes saberes, com alunos de diferentes cursos” afirma Márcia Machado, tutora do PET-Saúde.

Estudante de Medicina do sexto semestre, Júlio César Garcia, dedica 8 horas semanais ao PET-Saúde, 4 delas no Centro de Saúde da Família Zélia Correia, localizada no Planalto Airton Senna. Para ele, integrante do Projeto há dez meses, a ativida-

de mudou seus conceitos em relação à Atenção Básica. “Hoje vejo que a Atenção Básica é muito difícil, pois é por ela onde quase tudo começa. A gente aprende muito, certamente isso afeta minha formação em todos os aspectos”, declara. Para Jacqueline Alcântara, aluna de Enfermagem, também do sexto semestre, há um ano na iniciativa, participar do PET trouxe uma nova perspectiva sobre o usuário do Sistema de Saúde. “No PET são experiências novas e diversificadas. A gente aprende a lidar com o paciente de uma forma diferente, a gente se envolve, tem mais tempo para conversar com as pessoas, desenvolver atividades”, diz.

Telessaúde e Universidade Aberta do SUS (UNA-SUS) fecham a grade de projetos que integram o Fórum PorangabuSUS. Neste campo, a formação é destinada não aos alunos graduandos, mas aos profissionais da rede. “Se nós estamos preocupados em fazer uma reforma curricular para que as faculdades passem a preparar pessoas que estarão com capacidade de trabalhar no SUS, o que faremos com as que já estão lá?” questiona Luiz Roberto de Oliveira, coordenador das duas iniciativas. Como detalha o coordenador, a solução para isso está na Tecnologia da Informação. “A grande resposta vem através da educação a distância, na modalidade semipresencial”, afirma. Como parte dessas atividades, a UNA-SUS inicia, este semestre, cursos de especialização de 18 meses nos pólos de Itapipoca, Caucaia, Maracanaú, Sobral, São Benedito, Viçosa, Tianguá, Camocim e Granja. Os cursos constituirão de duas turmas este ano, com 500 alunos cada.

Empecilhos e Impactos

A máxima é física: o movimento sempre apresenta resistência. Se isso se aplica ao mundo material, o que dirá o das ideias. Apesar da beleza do conceito em aproximar o profissional de saúde da comunidade, diminuindo assim distâncias sociais, e além



Valdelice Mota, coordenadora do Anastácio Magalhães: novo perfil de estudantes ajuda, mas deve se aliar à democratização do acesso à saúde e exercício da cidadania



Pedro Filgueira, aluno, interno em saúde comunitária: melhorias no ensino vão repercutir no atendimento dos postos de saúde

do entusiasmo dos envolvidos nesse objetivo, a maioria de alunos e docentes dos cursos de saúde torce o nariz quando se trata de ir para comunidades pobres e distantes. Vários são os problemas, que vão desde dificuldade de acesso e insegurança, passando pela pouca valorização profissional e baixos salários e culminando na cultura das especialidades e comodismo. “Normalmente eles não gostam muito, relutam muito em ir para a periferia. Isso por conta da cultura da especialidade, na qual a atenção primária não é valorizada”, articula Neile Torres, coordenadora do Pró-Saúde Medicina. Percepção essa corroborada pelo professor e tutor do PET Saúde, Miguel Souza. “Tradicionalmente, o ensino de Medicina é feito dentro do hospital, nós temos um hospital aqui, então há uma resistência de todo o mundo, desde alunos a professores. O módulo de Atenção Básica à Saúde é extremamente rejeitado pelos alunos de Medicina”, conclui.

Em levantamento feito pela coordenadora do PET-Saúde, a Prof^a. Fátima Maciel, dentre as causas mais comuns

motivadoras para o desligamento dos estudantes estão a dificuldade da otimização do tempo em relação à carga horária da Universidade e o medo da violência. “Existe uma lógica que periferia é um monte de bandidos”, relata. No entanto, segundo ela, mesmo com a rejeição, resultados vêm sendo obtidos. “Na universidade ainda há muitas coisas cristalizadas. Em vez de ser uma instituição de construção de resistência, às vezes, é de consolidação. Não sei se é porque sou uma otimista por natureza, ainda consigo, na idade em que estou, todo dia me encantar por alguma coisa. Mas só o fato de pensarmos nisso, estamos também fazendo resistência. E é um desafio que vejo, já apontando algumas conquistas, como o número de profissionais não só inseridos na atenção básica, como com discursos extremamente coerentes”, comemora.

Se dentro da Universidade o entusiasmo com a nova reorientação profissional ainda atinge a poucos, na rede o movimento já começa a ganhar força. “Se vê um envolvimento dos trabalhadores nessa questão de sistematizar suas práticas, de estar repen-

sando o seu processo de trabalho e acredita-se que a Universidade tem nisso uma grande contribuição, na perspectiva das unidades onde esses alunos e docentes estão inseridos”, expõe a coordenadora do Sistema Municipal de Saúde Escola, da Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza, Ana Paula Brilhante.

Na avaliação da coordenadora do Centro de Saúde da Família Chico da Silva, na Barra do Ceará, o trabalho conjunto proporcionado pelos projetos de reorientação profissional voltada para o SUS trouxe vários benefícios, inclusive no serviço prestado à população. “Ficamos satisfeitos com a presença dos estudantes aqui. Embora tenha havido uma redução dos atendimentos, a qualidade é outra”, considera. Já Valdelice Mota, coordenadora da unidade de saúde Anastácio Magalhães, aprecia o momento como oportuno, mas destaca a necessidade de atenção ao contexto geral de saúde. “Vejo com muita alegria tudo isso, porque realmente vai favorecer que o profissional tenha um novo perfil. Mas é algo que não

acontece de forma isolada, mas sim somado a outras iniciativas, como a democratização do Sistema de Saúde e o exercício da cidadania pela população na busca de profissionais mais competentes e mais preocupados com o seu problema”, pondera.

Por falar em Anastácio Magalhães, lá encontramos o interno em Saúde Comunitária e aluno da UFC, Pedro Henrique Filgueira. Atuando na unidade desde janeiro, o jovem comenta ter uma rotina diversificada, o que avalia como ponto qualitativo na construção do seu conhecimento. “Há muitos pacientes e a rotatividade é grande, então é importante na formação você passar por um posto de saúde. Acho que com a melhoria da graduação, com certeza vai haver mudanças com relação ao atendimento médico nos postos”, revela. Dividindo a rotina de trabalho com Pedro está o residente em Medicina da Família e Comunidade, Dayvison Roberto, que atendeu à dona Maria, do começo de nossa história. Profissional de saúde da Prefeitura, o jovem lamenta não ter tido a mesma oportunidade do interno, já que se graduou ainda sob o currículo antigo. “A gente não tinha muita coisa em posto de saúde, não. Para falar a verdade, só no primeiro semestre que a gente conhecia o posto, ainda muito verde”. Para ele, com esse novo enfoque a formação fica mais completa. “Quando me formei, tive que aprender a trabalhar no PSF (Programa Saúde da Família). Não havia um preparo específico, era mais voltado para as especialidades. Hoje isso está bem melhor”, conta.

E dona Maria, o que achou do atendimento recebido? “O que precisar eu faço aqui. Vim fazer uns exames. Demora, né, mas é bom”. Sorriente, se despede e com a mesma delicadeza que chegara, parte, tendo nas mãos uma receita, para, quem sabe, ter de volta um tiquinho da firmeza em sua marcha igual àquela que a trouxera, há 40 anos, do sertão de Quixadá. “Agora é tratar né. Agora que ele passou remédios vou ficar boa”, assegura.



Vinícius Oliveira: formação acadêmica especializada e cursos pontuais são formas utilizadas pela Unasus para a educação continuada dos profissionais

Formar para remediar

De 1930 até 1953, os ministérios da Educação e da Saúde eram unificados, formando o Ministério da Educação e Saúde. Ou seja, políticas educacionais e saúde pública eram associadas, fazendo com que, por pouco mais de duas décadas, os setores tivessem seu planejamento e crescimento proporcionais. Depois da dissociação, criou-se o abismo, hoje notável, entre as necessidades de ambos. O compromisso do sistema educacional é com o futuro, enquanto no serviço de saúde as necessidades são para o presente.

“Há uma diferença no tempo de resposta. Imagine se, para responder à epidemia de Influenza A, no ano passado, tivéssemos decidido reformular os currículos dos cursos de Medicina, para formar profissionais treinados para lidar com a doença?”, indaga o médico Vinícius Oliveira, consultor da Organização Pan-Americana de Saúde para o Ministério da Saúde e responsável técnico pelo

projeto da Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde (UNA-SUS). A iniciativa, iniciada em 2008, cria mecanismos para atender às necessidades de qualificação que o sistema de saúde brasileiro vem requerendo, e um deles é a oferta de formações por educação a distância.

O consultor esteve em Fortaleza, no mês de março, para reuniões com a Comissão de Integração Ensino – Serviço (CIES), da Secretaria da Saúde do Estado do Ceará, mecanismo que faz o diálogo entre a gestão do SUS e as instituições educacionais. A ocasião foi oportuna, já que desde dezembro do ano passado o Núcleo de Tecnologias e Educação a Distância em Saúde – NUTEDS, onde se concentram o laboratório de informática da Faculdade de Medicina, o Núcleo de Telessaúde do Ceará e a sede da Universidade Aberta do SUS (Unasus) funcionam no mesmo local.

“A primeira meta da UNA-SUS é de oferecer, em três anos, 52.000 vagas em cursos de especialização para os profissionais do Programa de Saúde da Família. Por isso o investimento em Telemedicina e educação a distância, para levar a mesma qualidade das Residências aos profissionais que não têm acesso. A rede já conta com 14 universidades federais e três estaduais, e estamos criando um sistema que não tem equivalente no mundo”, enumera Vinícius. Segundo o médico, além da formação acadêmica especializada, serão trabalhadas formações curtas e pontuais. “Vem acontecendo um treinamento, em Brasília, para combate da epidemia do vírus da gripe H1N1 durante o inverno. Distribui-se material didático, CD-ROM’s, em uma formação rápida em larga escala”.

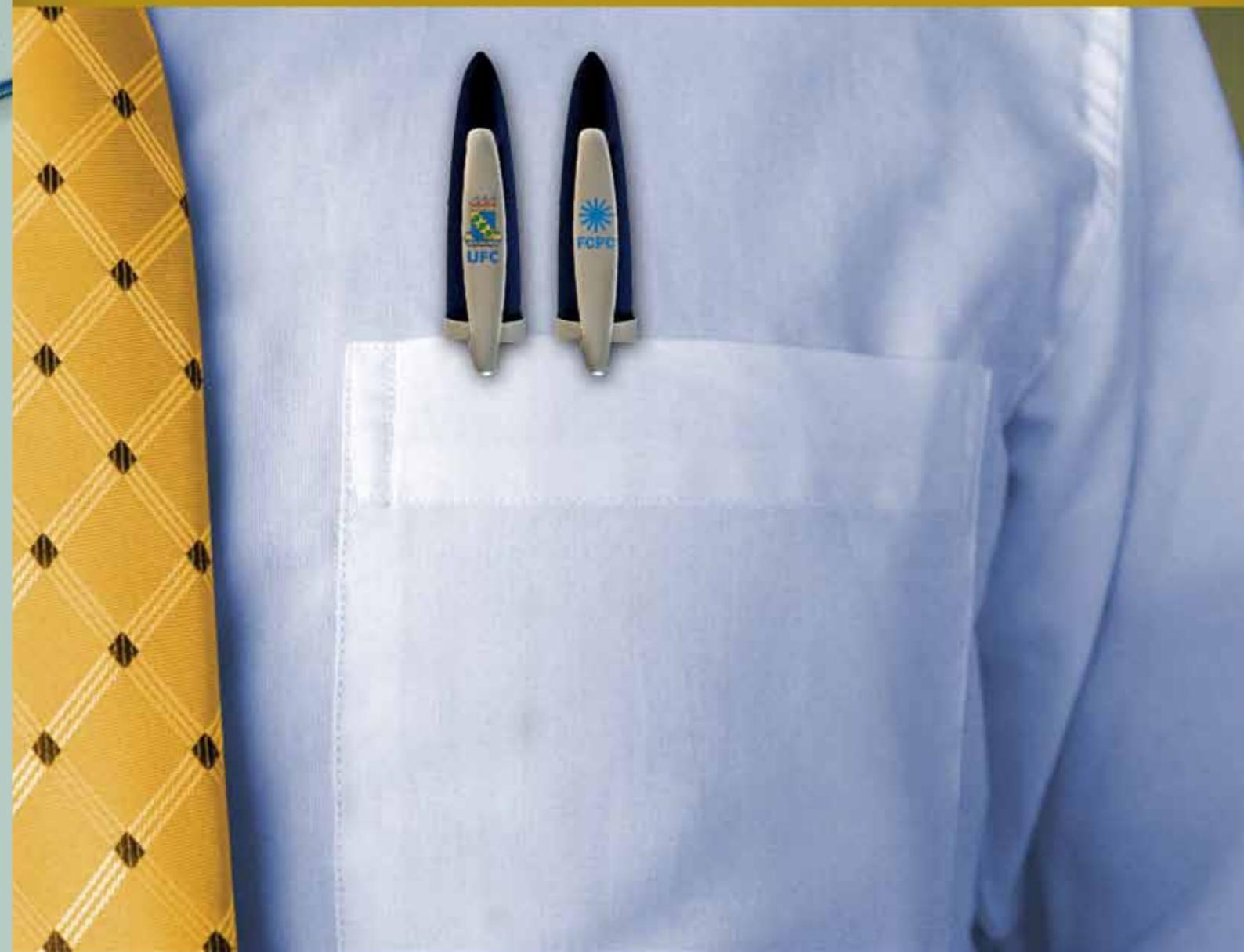
Na opinião do Prof. Luiz Roberto de Oliveira, docente da Faculdade de Medicina e coordenador do Núcleo de Telessaúde do Ceará e do Grupo de Estudos em Tecnologia da Informação e Teleinformática (GETITS), as atividades da UNA-SUS potencializam o trabalho já desenvolvido, vencendo barreiras como a precariedade do SUS no Interior e o mito de

que só o ensino presencial é de qualidade. “A UNA-SUS tem tudo a ver com o nosso programa. Como, no Ceará, elas também estão fisicamente instaladas no mesmo local, essa parceria se intensifica”, vislumbra.

Luiz Roberto destaca dificuldades como a conectividade à internet, que ainda não é difundida em todos os lugares do Interior do Estado. Mas com o investimento do Governo do Estado na passagem de fibra ótica por diversos municípios, formando o “cinturão digital”, as possibilidades se ampliam. Vinícius aponta que o mais importante na relação da UNA-SUS com o Programa Nacional de Telessaúde é a “fome” de buscar o que há de mais avançado no mundo em termos de Telemedicina e educação a distância. “Estamos estudando padrões para troca de informação na área de saúde, padrões para a estruturação desse conhecimento, aplicação de novas tecnologias. O investimento que está sendo feito vai virar um caminho para a inovação e a pesquisa. Não tem paralelo no mundo um sistema público de formação para profissionais de saúde do tamanho desse que estamos montando”, finaliza, acrescentando uma valiosa colaboração. “O Vice-Reitor da UFC, Prof. Henry Campos, também vem sendo um grande articulador desses projetos em nível nacional”, diz. O consultor destaca ainda os planos de promover cursos de capacitação e aperfeiçoamento para profissionais de saúde em funções de gestão.

Resumindo o desafio do Ministério da Saúde como “fazer a conexão entre todo esse sistema de inovação, ensino e pesquisa com a ponta do SUS, para melhorar a assistência na atenção básica”, Vinícius afirma que a iniciativa servirá como repositório de conhecimento. Cursos, formações e publicações envolvidas no projeto ficarão à disposição da sociedade, formando uma imensa “biblioteca digital”. “O nosso lema é ‘a qualquer hora e em qualquer lugar’. Não é esvaziar o momento presencial, é enriquecê-lo e dar mecanismos de continuidade a ele”, sintetiza. 

FCPC e UFC: Rumo a excelência no desenvolvimento científico do Ceará



Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura

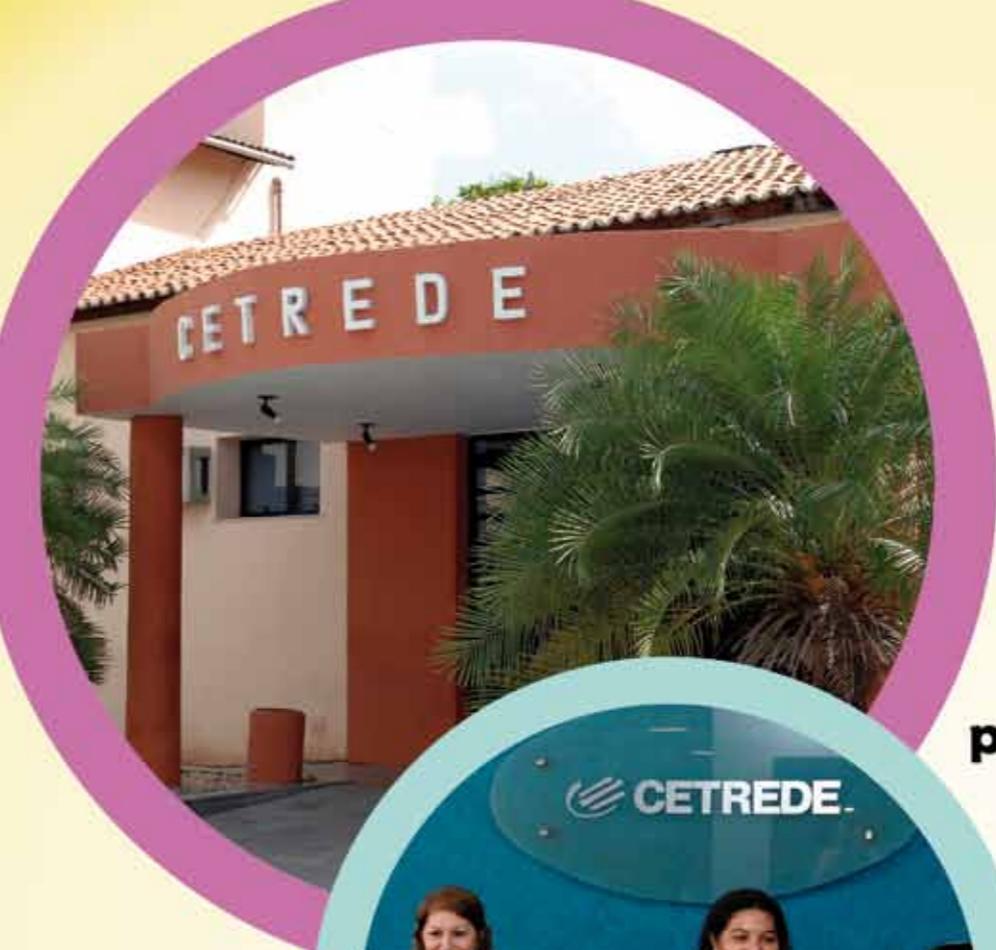
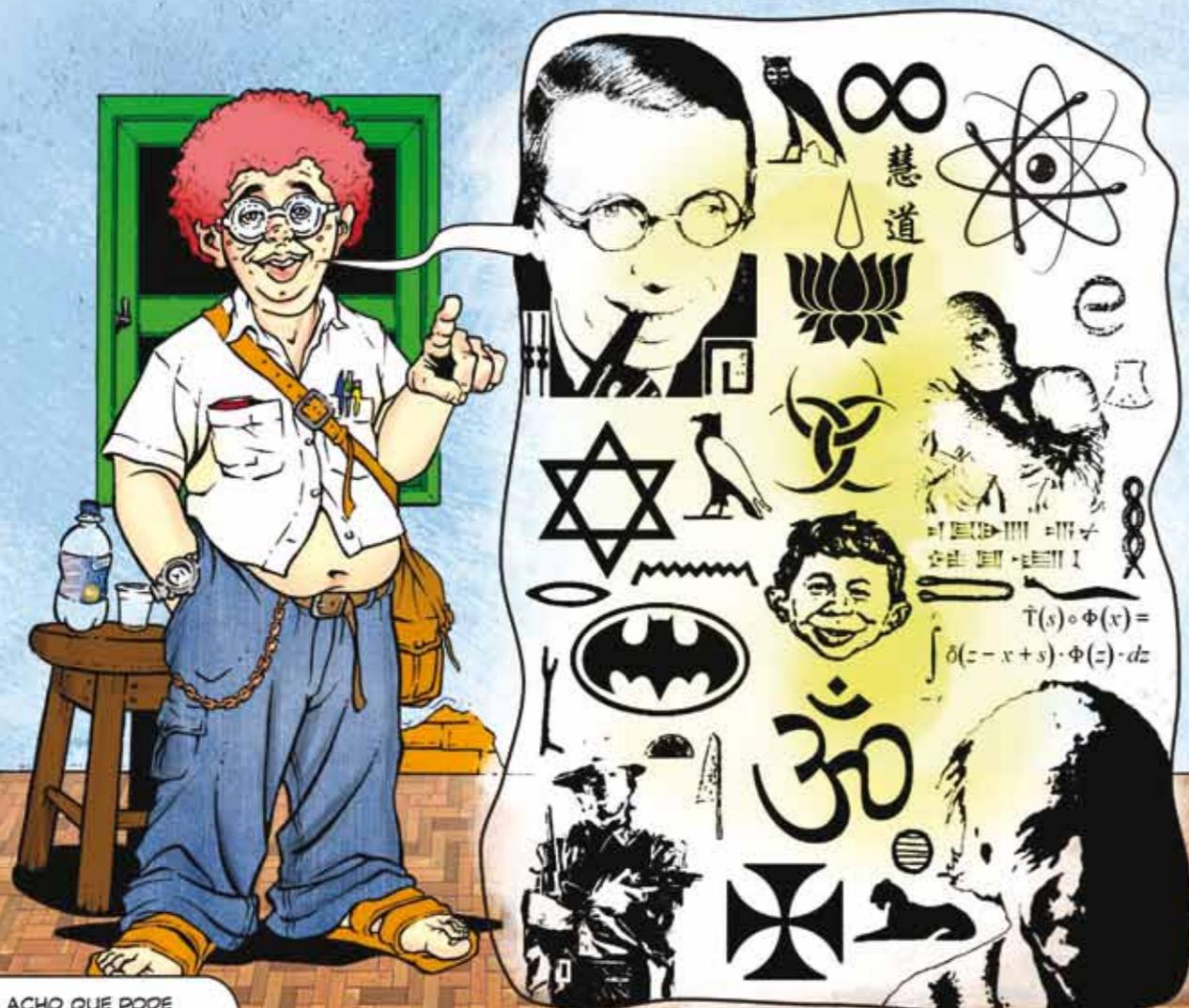
Av. da Universidade, 2995 - Benfica - CEP: 60.020-181
Fortaleza/CE. Fones: (85) 3243. 1620; 3281. 3444 - Fax: 3243. 5381
www.fcpc.ufc.br



EUREKA!

O CAMPUS EM QUADRINHOS

ROTEIRO
FELIPE LIMA
DESENHO
FRED MACEDO
oficina.quadrinhos.ufc@gmail.com



O CETREDE
acredita que a
educação
é o caminho mais seguro
para a promoção do
crescimento social.



É por isso que as nossas atividades estão sempre em sintonia com as ações da maior e melhor instituição de ensino superior do Ceará, a UFC. Participe dos nossos programas de qualificação, profissionalização e especialização.



*Você nunca viu um
banco tão comprometido
com a arte.*

Banco do Nordeste.

O Banco que mais investe no Nordeste
também é o maior parceiro da cultura nordestina.

O Banco do Nordeste patrocina diversas manifestações artísticas e mantém 3 Centros Culturais que despertam a curiosidade dos visitantes e atuam como formadores de plateias. São ações como estas, integradas ao conceito de economia da cultura, que respeitam as diversas expressões e estilos e resultam no mais importante: o desenvolvimento social.

PEDRO GUERRA - GERENTE

Cliente Consulta | Ouvidoria:
0800 728 3030
clienteconsulta@bnb.gov.br
www.bnb.gov.br



**Banco do
Nordeste**

